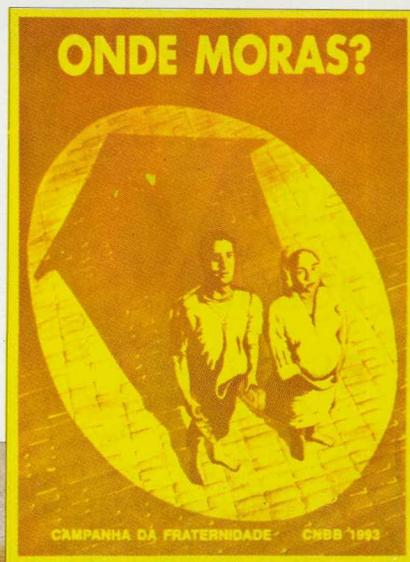


AMI

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO XCIV
Nº 2 — fevereiro 1993 — Cr\$ 15.000,00

"Todo o homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e serviços sociais indispensáveis..."

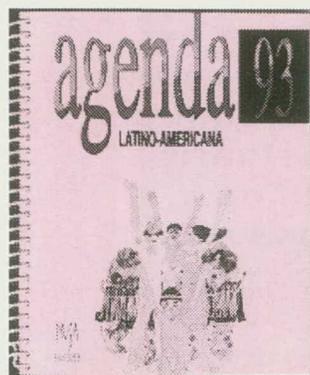
(Art. XXV .1 - Declaração Universal dos Direitos Humanos)



AGENDA LATINO - AMERICANA 93

“AS GRANDES CAUSAS DA PÁTRIA GRANDE”

uma
agenda
especial



para um
tempo
muito
especial

A Agenda Latino-americana, 93 não é um simples papel pautado para anotações. Pretende ser na verdade uma combinação dosada de:

— **agenda**, prática, agil, bem diagramada, simples, econômica;

— **antologia**, recolhendo o melhor da mística latino-americana, na ampla pluralidade de suas dimensões;

— **vademécum**, como “livro de cabeceira” com o qual se anda, ao qual se volta para se alimentar. Não é um simples livro para se ler e guardar.

— **ferramenta pedagógica**: um arquivo de materiais úteis para educadores populares, comunicadores, professores, animadores de grupos, agentes de pastoral, intelectuais...

Em muitos lugares, a Agenda Latino-americana 92, publicada em 9 países, converteu-se no “livro-presente” de Natal e Ano Novo.

A Agenda, para este ano de 1993, centraliza-se nas “Grandes Causas da Pátria Grande”, , principalmente:

a Causa Popular, a Causa da Mulher, nossas Culturas (indígenas, negra, mestiça, latino-americana) e a Ecologia.

Uma agenda verdadeiramente internacional, produzida em dezenove países da América Latina, em três Continentes e em quatro idiomas (espanhol, português, italiano e japonês). É a única em seu gênero. Contém o martirologio latino-americano, as efemérides latino-americanas e um pensamento para cada dia, além de textos e materiais para reflexão ou trabalho de educação popular. Um veículo de comunhão — no espírito e na esperança — entre todos os que vibram com “as grandes causas da Pátria Grande”, que definem nosso ser, nossa utopia, nossa solidariedade latino-americana.

Preço: Cr\$ 150.000,00

Obs.: Preço de capa na data do fechamento desta edição. Sujeito a alteração por parte da Editora.

**PEDIDOS AO
SECRETARIADO VOCACIONAL
CLARETIANO**

Tel.: (011) 66-2128 Caixa Postal 6226
CEP 01064-970 São Paulo, SP.

4. A IGREJA NO MUNDO

Notícias

6. CAMPANHA DA FRATERNIDADE

A fraternidade e a moradia

7. Santo Domingo: a celebração

Muito heroísmo para lembrar: dos missionários e principalmente do povo.

9. ENTREVISTA

A evangelização e a cultura política

D. Paulo Evaristo Arns comenta os acontecimentos do IV CELAM.

11. O circo da morte

Um diálogo jocoso entre a cadeira elétrica, a forca, o fusil e a guilhotina, que reflete a realidade brasileira.

12. Tudo, menos o homem!

A maioria desconhece o objetivo da pena nos presídios. Não basta só saber que o infrator esteja preso.

13. MENSAGEM MARIANA

Maria: a bem-amada de Deus

Para os antigos, o nome possuía uma mística toda especial.

15. RELIGIÕES

Texto e devoções

Um livro: Os salmos de Davi é encontrado no Médio Egito em 1984.

16. O que é ler positivamente?

Siga os caminhos para se tirar o máximo de positividade, por mais pessimista que seja uma leitura.

18. MEU LAR, MINHA ALEGRIA

Conviver com o adolescente

O adolescente precisa da firmeza dos pais para que se torne ele mesmo firme e seguro.

21. ALCOOLISMO

A definição mais prática do alcoolismo

23. PÁGINA DO CATEQUISTA

A catequese hoje

27. A PALAVRA DE DEUS NA

LITURGIA EUCARÍSTICA

De 21/03 a 25/04/93

31. RELENDO A BÍBLIA

Crônicas

32. PÁGINA INFANTIL

A boneca

33. DIVERTIMENTOS

A vida

festa de verdade

Em fevereiro tem carnaval...tem samba e violão...

Em nome da alegria valem confetes, fantasias, serpentinas e folias.

Já não é preciso dizer a ninguém que não se pode viver de fantasia, de faz-de-conta ou de mentirinha. Todo mundo sabe disso.

É bom brincar e se divertir — saudável e respeitosamente — mas não ter onde morar não é brincadeira e nada divertido.

Passado o carnaval, já na quarta-feira de cinzas, a Campanha da Fraternidade vai tratar da questão da moradia. Com o tema “Onde Moras?” abre um diálogo em todas as comunidades sobre o problema de mais de 10 milhões de famílias sem teto.

A Igreja quer somar-se aos gemidos dos milhões sem moradia digna e oferecer a voz de todos os cristãos para clamar por justiça e solidariedade.

“A CF ’93, diz P. Antônio Celso Queiroz, Secretário Geral da CNBB, é uma denúncia profética e evangélicamente questionadora do sistema social vigente e da qualidade de vida do povo, sobretudo nas cidades. Somos um país de urbanização recente e ainda em processo. Já acumulamos, porém, velhos pecados de cobiça e exploração que transformam as periferias de nossas cidades em novas versões das antigas senzalas.”

Em termos de diretrizes cristãs contamos com mais “Santo Domingo ’92”, isto é, com o recente documento da IV CELAM — (Conferência Episcopal Latino-Americana). O Pe. Libânio em “Santo Domingo: A celebração” (p. 7) mostra três momentos importantes para a caminhada da Igreja: olhar o passado com humildade, sem triunfalismos; reconhecer o pecado genocida indígena e negro e paralelamente reconhecer a herança da religiosidade popular. Olhar o presente e perceber as sementes integradoras de comunidades, semeadas por uma teologia estruturada em Jesus libertador. E olhar o futuro com renovada esperança desvensilhando-se da incoerência entre a fé a prática, de olhos abertos e críticos às diabólicas causas da miséria e da pobreza extremas.

Dentro desse tema ainda uma interessante entrevista com D. Paulo E. Arns, falando sobre “S. Domingo ’92” a responsabilidade social dos governantes e a redistribuição racional dos bens, imperativo de nossa realidade histórica em “A Evangelização e a Cultura Política”. (p. 9).

O tema da pena de morte também é refletido neste número. Para elucidar a gravidade do assunto Frei Betto escreve: “O circo da morte” (p. 11) e paralelamente Mario Ottoboni escreve sobre a questão carcerária: “Tudo, menos o homem!” (p. 12).

A vida dom de Deus tem que ser uma festa, não de fantasia, nem de mentirinha, mas de verdade.

P.C.G.

Pena de Morte

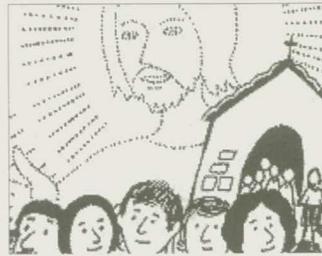
Com referência ao tema "Pena de morte" e, em especial, às expressões ofensivas que o Deputado Amaral Neto tem dirigido a D. Luciano, a CNBB recebeu várias cartas e telefonemas de solidariedade e cópias de manifestações de protesto enviadas à Câmara. Entre estas, publicamos a carta que D. Benedito de Ulhoa Vieira, Arcebispo de Uberaba, enviou ao Presidente da Câmara dos Deputados: "Uberaba, 15 de janeiro de 1993. Exmo. Sr. Presidente, venho por meio desta levar à Câmara dos Deputados, através de seu digno Presidente, veemente protesto do povo católico de Uberaba e meu pessoalmente contra as expressões ofensivas, injustas e baixas do Deputado Amaral Neto a respeito do Exmo. Senhor Arcebispo Dom Luciano Mendes de Almeida, Presidente da CNBB. Discordar com argumentos, supostamente válidos, da posição do Senhor

Presidente da CNBB, a respeito da pena de morte seria compreensível. Mas partir para ofensas de ordem moral é inaceitável, sobretudo por parte de alguém que foi eleito deputado federal, isto é, legislador do povo brasileiro. Homem que se revela violento, descontrolado e agressivo desmerece a função que recebeu dos seus eleitores. Na enxurrada de ofensas, Amaral Neto atinge a todos os Bispos do Brasil, caluniosamente. Sabe Vossa Excia. quanto essas atitudes denigrem a imagem dos homens públicos, sobretudo por atingir uma das figuras do Brasil, mais respeitáveis, dignas e merecedoras de admiração, como é o Sr. Dom Luciano. Receba Vossa Excelência minha consideração e respeito, Dom Benedito de Ulhoa Vieira.

Notícias (CNBB)

Encontro de leigos

A IV Conferência do Episco-



pado Latino-americano definiu o protagonismo dos leigos na Nova Evangelização. Ser evangelizador, para o leigo, significa assumir o desafio de testemunhar Jesus Cristo num mundo invadido pelo individualismo, discórdia e negação dos valores do Reino de Deus. O Conselho Nacional dos Leigos (CNL) realizará o segundo Encontro Nacional, de 10 a 13 de junho de 1993, na cidade de Lins, SP, para aprofundar "Os desafios dos cristãos leigos no Brasil". O CNL pretende, com o Encontro, reforçar os Conselhos Regionais e impulsionar a criação dos Conselhos Diocesanos, para que os leigos tenham representatividade e possam influenciar na caminhada da Igreja no Brasil para o compromisso com os pobres.

Notícias (CNBB)



Exploração humana

A Diocese de Passo Fundo, RS em seu informativo semanal diz haver uma crescente exploração ao pequeno agricultor: . Conforme dados levantados, a cada 100 cruzeiros produzidos na agricultura, 23 ficam com quem produz os insumos, sementes e equipamentos, 66 cruzeiros ficam com quem armazena, industrializa e comercializa e apenas 11 cruzeiros ficam com os pequenos agricultores que produzem. O resultado disso continua sendo o empobrecimento maior, a cada dia, do pequeno agricultor.

(Notícias CNBB)

Conselho L.A. de Igrejas

"RENASCER PARA UMA VIVA ESPERANÇA": será o tema da próxima Assembléia Geral do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI). O tema foi definido pela direção da entidade recentemente reunida no Chile. Será abordado sob quatro ângulos: ecumenismo e unidade da Igreja; evangelização, defesa e promoção da vida e justiça; paz; esperança soli-

AM AVE MARIA é uma publicação da Editora Ave Maria Ltda. (CGC 60.494.200/0001-70) Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada em 28 de maio de 1898. Registrado no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregoriani (MTPS) nº 14 696

Administração: Hely Vaz Diniz

Preparação e revisão: Avelino S. de Godoy.

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave-Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01226 - 000) - São Paulo.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx P. 6226 (CEP 01064 - 970) - São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo, vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista Ave Maria — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: Renovação de assinatura: Cr\$ 130.000,00

Assinatura nova: Cr\$ 130.000,00, Números avulso: Cr\$ 15.000,00

Foto da capa

VERBO FILMES

AM

ONDE MORAS?

"Todo o homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e serviços sociais indispensáveis."



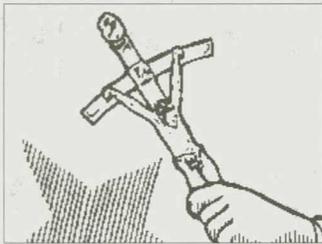
dária. A Assembléia deverá acontecer no final de 1994, no Chile.

(Notícias CNBB)

Comunicação Cristã

Em reunião realizada no último dia 17 de dezembro, na Paróquia São Judas Tadeu em São Paulo, SP, foi fundado o Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã (INBRAC). "É uma Associação Civil, sem finalidades comercial e sem objetivos de lucro. Poderá realizar, patrocinar e promover direta ou indiretamente, iniciativas de atuação sobre os veículos de comunicação social, de forma a propagar e a difundir a mensagem cristã, buscando, principalmente, o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família", diz o Estatuto da Entidade. Embora o INBRAC não seja "órgão, departamento ou tenha qualquer vinculação com a CNBB" participaram dessa reunião de Fundação Dom Luciano Mendes de Almeida, Arcebispo de Mariana, MG, Dom José Ivo Lorscheiter, Bispo de Santa Maria, RS e Dom Antonio Maria Mucciolo, Arcebispo de Botucatu, SP. Dom Mucciolo foi eleito Presidente do INBRAC por ser profundamente ligado à Família Monteiro de Barros proprietária de diversos veículos de comunicação na Região e que atualmente detém a concessão de um canal de televisão.

(Notícias CNBB)



Desafio Missionário

Jovens jesuítas estão se preparando em Roma para voltar a Moscou, após 172 anos, num verdadeiro desafio aprovado pela Santa Sé e pelo Superior Geral da Congregação. Eles pretendem reorganizar a vida católica nas 11 repúblicas dos Estados Independentes da Ex-União Soviética.

(Notícias CNBB)

Moradia

Pastorais de Passo Fundo, RS, promoveram seminário sobre moradia dentro do tema da Campanha da Fraternidade 1993 Onde moras? A Cáritas Diocesana, Pastoral da Criança e Pastoral da Saúde com o apoio dos Movimentos Populares, Sindicatos, Entidades, Conselhos de Pastorais promoveram um seminário dia 26 de fevereiro de 1993, no Colégio Notre Dame

(Notícias CNBB)

Missões

...Serra Leoa é um pequeno



país na costa ocidental do continente africano. Sua população: quatro milhões de habitantes, dos quais a grande maioria são muçulmanos. Somente 2, 2% da população é católica. Há muito trabalho de sementeira da Palavra de Deus para ser feito... A mulher tem mais dificuldade de romper com as barreiras da família e dos costumes muçulmanos. Uma moça optando pelo cristianismo, os pais têm direito, segundo as leis locais, de dá-la a um homem como segunda ou terceira mulher. Faz dez anos que o bispo local iniciou uma congregação religiosa feminina, mas até agora não tem sequer uma irmã... Na Páscoa tivemos 22 batizados de adultos, com dois anos de preparação.

Irmã Hildegard Jacoby
(SIM - Serviço de Informação Missionária)

Demarcação de terras

Em outubro de 1993 termina o prazo estabelecido pela Constituição Federal para que a União demarque todas as terras indígenas do País. Dados da Funai mostram que 253 áreas indígenas, das 510 existentes, ainda precisam ser demarcadas. É necessário que se prossiga com os procedimentos demarcatórios previstos no Decreto 22/91.

As demarcações previstas para 1992 não ocorreram devido a falta de recursos financeiros. A Funai havia solicitado Cr\$ 95 bilhões para as demarcações; no entanto, apenas 4,8% desse valor foram aprovados pelo Congresso Nacional. A mesma situação se repete no Orçamento de 1993: foi requerido pela Funai Cr\$ 110 bilhões 879 milhões, mas o pedido encaminhado ao Congresso Nacional é de Cr\$ 10 bilhões 930 milhões.

(Boletim CIMI Sul)

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos aos senhores assinantes que ao serem visitados por **cobradores de assinaturas** não conhecidos pedissem a credencial. Todos os nossos representantes, têm credencial fornecida pela Revista Ave Maria e seus nomes estão relacionados neste aviso.

A SEGUIR ANUNCIAMOS A LISTA DOS NOSSOS COBRADORES AUTORIZADOS:

Alexandre Greggianin (RS); Arnaldo Oliveira Reis (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Ildo José Riva (MT); ; José Lázaro Diniz (MG); João Ferreira Menezes (SP); João Batista Teixeira (SP); José Batista Vaz (SP); Sérgio Pierozan (SP); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); José Maria Martins Dias (região nordeste do Brasil); Mauro Donizeti Câmara (SP) e nosso Irmão claretiano Nelson Gustavo Kerntopf (ES, GO e Brasília).

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

A Fraternidade e a Moradia

“ONDE MORAS ?”



O cartaz da CF'93 expressa a necessidade de ajudar as pessoas que se encontram em situações desumanas. As condições de inferioridade, encontradas nas pessoas que não têm moradia, são mostradas pela visualização do casal de cima para baixo. Quando alguém está desesperado olha para cima, como que procurando ajuda vinda do céu. O olhar do casal se direciona às pessoas que se encontram de frente para o cartaz. Significa o apelo de ajuda a sociedade por moradia digna. A sombra, em forma de casa, reflete o anseio do casal e a rachadura na mesma representa uma possível desestruturação familiar. A gravidez da mulher afirma: todas as pessoas são geradas no ventre materno. Esta moradia é igual para todos, sem diferenças de etnia, classe social e credo. Nela há condições de segurança, conforto e ternura para o desenvolvimento da vida. O cartaz expressa a dura realidade da falta ou precariedade da moradia: desespero, desestruturção familiar, injustiça social e necessidade de ajuda.

A DOCTRINA DA IGREJA

O direito à moradia

Os bispos do Brasil trataram da questão do direito à moradia e, já, em 1982 no documento “Solo urbano e ação pastoral” (CNBB, Doc. 23, nn. 80, 81, 83, 84) apresentaram o pensamento e a doutrina da Igreja sobre o tema: O direito à moradia, incluído entre os direitos universais e invioláveis, necessários para levar uma vida verdadeiramente humana, é requisito indispensável à sobrevivência da família.

O acesso à moradia, por sua vez, está vinculado ao direito e ao dever do trabalho. Ensina João Paulo II, resumindo ensinamentos da Igreja através dos séculos, que “o trabalho constitui o fundamento sobre o qual se edifica a vida familiar que é um direito fundamental e uma vocação do homem”. “O trabalho, de alguma maneira, é a condição que torna possível a fundação de uma família, uma vez que a família exige os meios de subsistência que o homem obtém normalmente mediante o trabalho”.

Ao direito de moradia pode-se aplicar o princípio geral enunciado pelo Concílio Vaticano II: “Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos; de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a justiça, secundária pela caridade. De resto, todos têm o direito de ter uma parte de bens suficientes para si e suas famílias. Aquele, porém, que se encontrar em extrema necessidade, tem direito a tomar, dos bens dos outros, o

que necessita” (*Gaudium et Spes* 69).

Tendo presente a lição de João Paulo II, segundo a qual sobre toda propriedade particular pesa uma hipoteca social, concluímos que o direito natural à moradia tem primazia sobre a lei positiva que preside à apropriação do solo. Apenas um título jurídico sobre uma propriedade não pode ser um valor absoluto, acima das necessidades humanas de pessoas que não têm onde instalar seu lar.

Direitos sociais

O ensinamento da Igreja sobre os direitos sociais, entre os quais está o da moradia, vai em duas direções:

— lutar por uma legislação que seja efetivamente justa. Daí a insistência sobre a Reforma Agrária e reforma do uso do solo urbano (*Desde o Doc. 17, Igreja e problemas da terra, 1980, ao Doc. 23, Solo urbano e ação pastoral, 1982, n. 118, ao Doc. 36, Por uma Nova Ordem Constitucional, 1986, n. 127.*)

— refazer o tecido social para que as pessoas possam crescer de forma sadia, nossas crianças e jovens tenham ambiente familiar e comunitário adequado à sua educação. Para tonto, em nossa situação é urgente “reconstituir a escala da rua, do bairro, ou do aglomerado ainda maior, aquela rede social em que o ser humano possa satisfazer as necessidades de sua personalidade, sair do isolamento e criar relações fraternas (*Paulo VI, Octogésima Adveniens* 11.)

Santo Domingo:

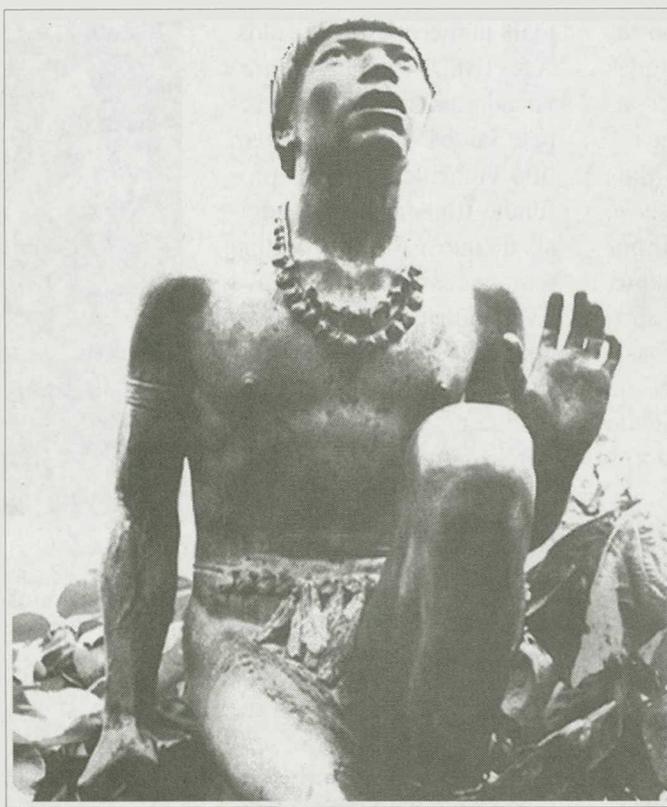
A celebração

João Batista Libânio

A Assembléia do Episcopado da América Latina e do Caribe assignou-se a finalidade de celebrar a fé implantada nesse continente há 500 anos. Esta celebração tem três faces. Uma face voltada para o passado, outra para o presente e outra para o futuro.

Voltando-se para o passado, quer-se celebrar a chegada da fé no continente latino-americano. Celebração de sentimentos mistos, de coração dividido, de alegria incompleta e de tristeza esperançosa.

O olhar para o passado deve ser "sem triunfalismos". Há um pecado que macula a colonização e a evangelização. O genocídio de tantas tribos indígenas e o "holocausto desconhecido" de tantos negros. Essa mancha de sangue só se apaga pelo perdão, pela misericórdia de um lado e pela humildade, o reconhecimento do outro. O Papa e os Bispos, em nome da Igreja, pela misericórdia de um lado e pela humildade, o reconhecimento do outro. O Papa e os Bispos, em nome da Igreja, fazem este pedido de perdão e esperam-no da misericórdia de Deus e do esquecimento generoso dos atuais índios e negros, em nome de seus antepassados. Sentimentos, portanto, de tristeza, de dor, de compaixão por tantas víti-



mas inocentes, de arrependimento.

Entretanto há outro lado da moeda. Lembrança "sem falsos pudores", sem querer julgar os nossos antepassados. O último juízo está nas mãos de Deus. A história já vem fazendo o seu, sempre provisório, sempre a ser refeito, sempre à espera de mais luzes. Deixemo-la seguir seu caminho.

Agora cabe celebrar a fé que nos veio dos nossos antepassados. Criou-se uma religiosidade popular profunda. Num momento, pensou-se que ela fosse mais ignorância que saber. Hoje temos consciência, como diz o docu-

mento de Santo Domingo, de que "a religiosidade é uma expressão privilegiada da inculturação da fé". Ela constrói-se de expressões religiosas, de valores, de critérios, de condutas, de atitudes que nascem dos ensinamentos da verdade revelada e constituem a sabedoria de nosso povo, sua matriz cultural.

Há muita coisa a celebrar nesses 500 anos de evangelização. Muito heroísmo, não somente dos missionários europeus, mas sobretudo de nosso povo fiel através de séculos. Fidelidade que lhe tem custado muita luta, muita coragem. Houve índios, negros que, depois de assumirem, com lealdade e profundidade, a fé cris-

tã, fizeram-se verdadeiros missionários, inculturando ainda mais profundamente o Evangelho em suas culturas.

Há também um olhar sobre o presente. Celebrar a fé atual de nosso continente. Não simplesmente a sua trajetória nesses cinco séculos. É uma fé que esta aí. Mais uma vez o nosso coração se divide, nosso sentir se confunde. A fé atual tem suas belezas. Há muita vida nesse continente. Há uma belíssima teologia da libertação que encontrou cidadania entre as melhores teologias. Soube responder com força, vigor, originalidade desafios

enormes feitos à fé cristã desde a realidade social.

Há essa re-invenção eclesial das comunidades eclesiais de base. Em setembro de 1992, celebrou-se em Santa Maria um esplendoroso Encontro Intereclesial de CEBs. Estiveram 2.316 participantes, sendo que 1.496 eram leigos, ao lado de pastores, assessores, irmãos evangélicos, religiosos, índios etc. Mais de 1.500 pessoas, sobretudo jovens, constituíram as equipes de serviço, sem falar de milhares de famílias que abriram suas portas para hospedar os delegados de todas as partes do país. Era verdadeiro "concílio popular" da fé e da esperança.

Tudo isso é a fé viva de hoje. Mais um outro sinal maravilhoso dessa fé. "Não há maior amor que dar a vida por aquele que se ama". Nesse continente, milhares e milhares de cristãos simples e pobres, religiosos e religiosas, sacerdotes e até bispos, deram sua vida na luta pela justiça, na fidelidade à sua fé em Jesus Libertador. São os

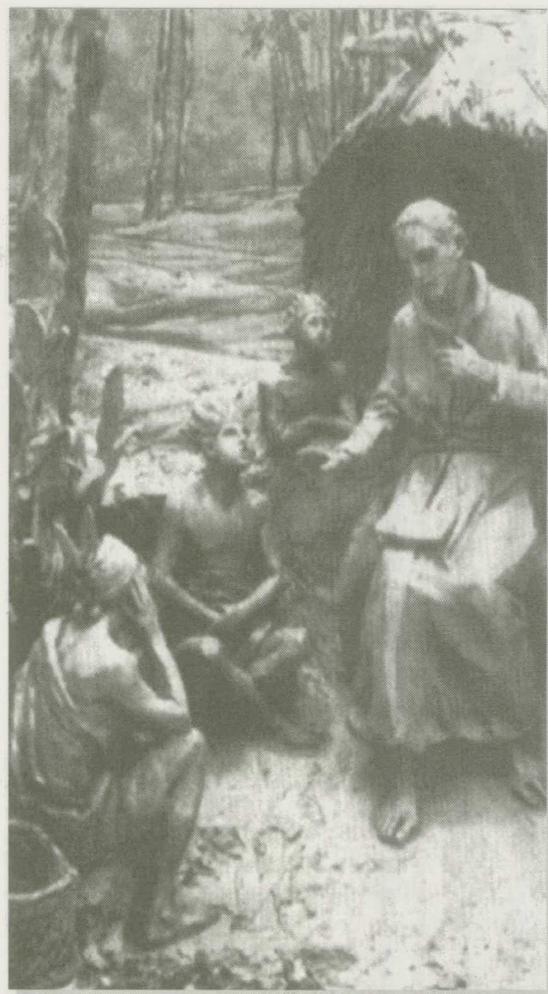
mártires desse continente. É o lado luminoso de nossa Igreja.

Há também as trevas. São muitas. Resumem-se numa palavra: a profunda incoerência entre a fé e a prática. Este é um dos continentes onde reinam maiores injustiças, onde a pobreza e miséria chegaram a índices escandalosos, onde os sinais de morte pululam, apesar de ser o mais numeroso em cristãos. A fé cristã, já exclamava provocadoramente Puebla e repete Santo Domingo, não tem tido vigor de gestar as profundas transformações sociais de que a América Latina tem necessidade. A Nova Evangelização pretende responder aos desafios que apresenta a realidade de um "Continente em que vige um divórcio entre fé e vida até pro-

duzir clamorosas situações de injustiça, desigualdade social e violência".

O terceiro olhar celebrativo volta-se para o futuro. De novo, a mesma perplexidade. Se se atêm as realidades previsíveis pelos cálculos estatísticos e pelas políticas econômicas em vigência na atual ordem internacional, reserva-se-nos um futuro sem perspectivas. Os grandes blocos econômicos constituem-se as costas e, em parte, às custas dos países pobres que continuam sendo fonte de lucro através do pagamento dos juros da dívida externa e do fornecimento de algumas matérias primas.

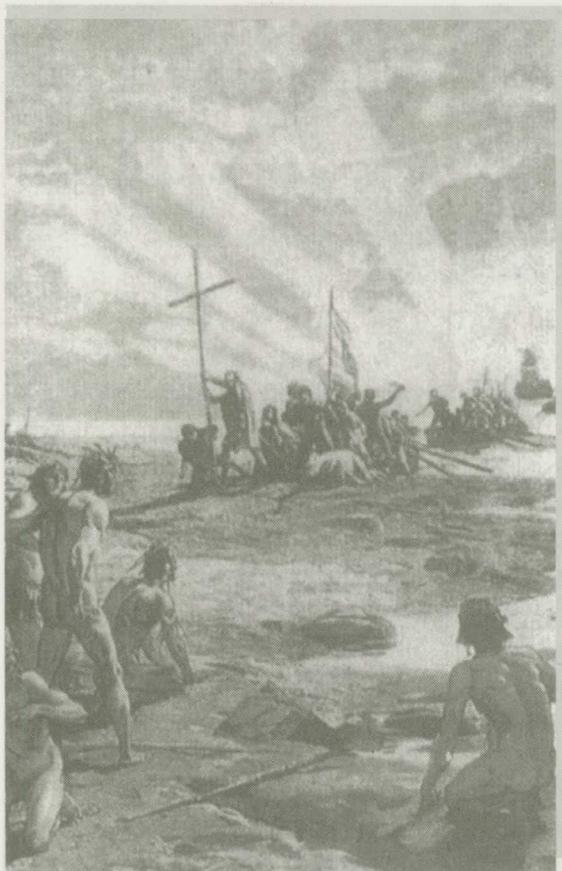
Mas a história não é feita unicamente pelas decisões dos poderosos. Os Nabuco-



donosores de todos os tempos condenam os pobres à fornalha de fogo. Mas o anjo do Senhor os faz passear ilesos. É no Senhor que o episcopado em Santo Domingo deposita sua esperança e nele faz o apelo a todos os países da América Latina a criarem a grande integração, que poderá ser econômica internacional em nome da ética, da justiça, da humanidade.

Santo Domingo foi a grande celebração do passado, do presente e do futuro na contrição e na gratidão, na consciência e na crítica, no realismo e na esperança.

João Batista Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor na Faculdade de Teologia do CES, Belo Horizonte, MG.



A EVANGELIZAÇÃO e a Cultura Política

Responsabilidade Social e Redistribuição Racional



Um dos acontecimentos mais importantes para os cristãos da América Latina certamente foi a IV Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) realizada em Santo Domingo no mês de outubro passado. D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo, concede especialmente para a revista Ave-Maria esta entrevista e comenta alguns pontos importantes da Conferência, também dá sua opinião sobre os rumos sociais do nosso país sem se esquecer de dar um importante conselho de compromisso social aos nossos políticos e governantes.

AM — *D. Paulo, as conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo trouxeram três enfoques importantes. Dentre eles o primeiro abre perspectivas para a Nova Evangelização dos nossos povos. Quais são as características dessa nova evangelização?*

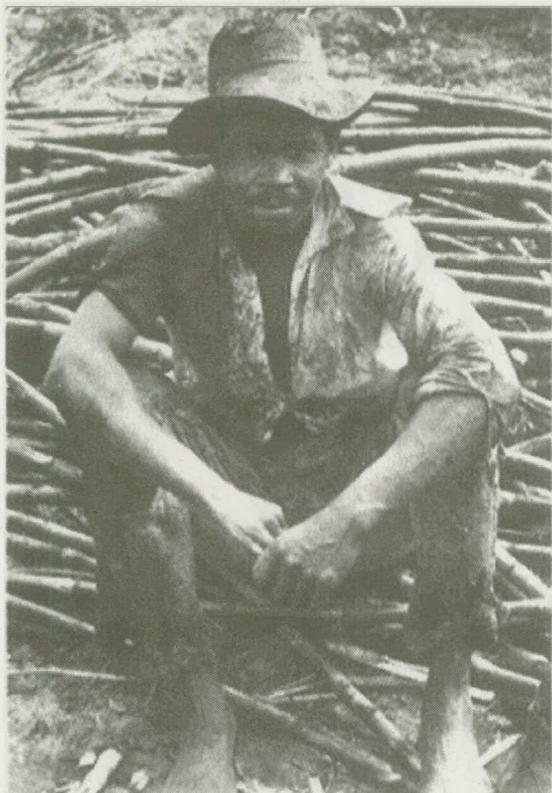
D. PAULO — Em primeiro lugar eu queria dar os parabéns para a Revista AM por estar anunciando o que se decidiu em Santo Domingo. A característica mais importante que foi ressaltada por todos, inclusive pelo Papa que abriu a Conferência é esta: a Nova Evangelização há de dar um conteúdo que responda ao que o povo precisa hoje. Em segundo lugar, há de encontrar os métodos que agradem tanto os jovens, particularmente a eles, quanto às pessoas de idade, como também às crianças. Em terceiro lugar, há de suscitar um novo ardor. Que cada batizado se sinta responsável pelas palavras e gestos de Jesus nessa terra.

AM — *A Igreja na América Latina tem defendido, a partir de Puebla, a grande opção de evangelização preferencial pelos pobres. O zelo todo especial para com nossos irmãos mais carentes, esta opção foi reforçada, foi revigorada em Santo Domingo?*

D. PAULO — Esta opção tinha que ser reforçada. Em primeiro lugar porque se verificou que o número dos

pobres aumentou. No tempo de Puebla, há 13 anos atrás, nós éramos talvez 40 mil pessoas que ainda podiam viver normalmente sem nenhuma dificuldade. Hoje não somos nem mais 30% de pessoas na América Latina que podem viver sem grandes necessidades. O povo todo empobreceu. Salvo talvez 1 ou 2% que tiraram lucro, infelizmente, desta situação, empobrecendo os outros. Portanto em primeiro lugar, era necessário reforçar a opção porque o número de pobres aumentou. Em segundo lugar porque a pobreza é agora muito mais dolorosa, ela é sentida por todos e é quase como que o motivo de desprezo do primeiro mundo para conosco. Então existem realmente dois mundos. Aquele mundo que absorve tudo que é lucro para dentro de si e o terceiro mundo, que somos nós, que perde as coisas essenciais até para alimentação e para a formação do corpo, do cérebro e de todas as coisas necessárias para que a vida possa ser levada dentro das normas comuns da existência. Nós precisamos cuidar dos pobres porque Jesus cuidou deles em primeiríssimo lugar. Deus os ama antes de tudo. Mas também é uma necessidade absoluta de nosso tempo.

AM — *D. Paulo, o que o Sr. diria aos nossos governantes, políticos e administradores públicos com relação à nossa realidade tão difícil e com essa quantidade tão grande de pobres?*



ser particular, mas o Estado tem que cuidar disso; e a terceira, eu gostaria de pedir a todos vocês que quando são eleitos ou quando tomam posse de seu cargo sempre se lembrem: nós somos o povo e não um grupo especial, um grupo privilegiado, um grupo que pode manipular as coisas, mas sim, nós somos os servidores do povo conforme define a própria lei e define também o Evangelho.

AM—D. Paulo, a IV Celam tratou também da evangelização inculturada, em comunhão com as culturas. Especificamente como entender isso no Brasil?

D. PAULO — Em primeiro lugar eu diria aos políticos: vocês não aumentem os seus próprios proventos; não aumentem os seus salários de uma maneira tão escandalosa quando vocês discutem cada vintém que deve ser dado ao operário. Essa é a primeira coisa: cuidar para a gente mesmo não se enriquecer na hora em que os outros empobrecem. Vocês estão ganhando demais. Em segundo lugar, vocês precisam unir-se em verdadeiros partidos, mas partidos que tomem o social a sério. E tomar o social a sério significa cuidar da repartição dos bens de tal forma que todos possam viver dignamente. Não significa nem o socialismo e nem o estado socialista, mas significa a justiça como Deus a quer. Em terceiro lugar, eu pediria a vocês, políticos e administradores, que tratassem a todas as pessoas como sendo dependentes de vocês para o Estado poder exercer três coisas importantes: a primeira, que não falte a distribuição justa e equitativa dos bens; a segunda, que não falte a educação básica para toda a família brasileira, como os Bispos disseram, pode ser pública, pode

D. PAULO — Sim, a evangelização inculturada, para dizer com palavras muito simples, significa a inculturação através do modo de viver do povo. Cada povo tem sua expressão. A expressão do povo é a sua cultura. O nosso povo simples de Minas Gerais tem uma expressão, o do Ceará tem outra, o da Amazônia tem outra e do Rio Grande do Sul tem outra, mas todas convergem para alguns pontos fundamentais quais sejam: a verdade, a solidariedade, a justiça, a busca da paz. Que isto seja dito de uma maneira que todo mundo o compreenda como Jesus o fazia. Então nós o dizemos na cultura do povo, quer dizer, na expressão mesma que o povo usa e que ele entende.

AM — Cada novo ano sempre é marcado com uma expectativa de paz e

de esperança. Temos uma grande massa dos chamados sobrantés, e desempregados. Que palavra, que mensagem o Sr. daria a essa grande população de sobrantés em nosso país. Na sua opinião que rumo o Brasil deve tomar?

D. PAULO — Os desempregados são os que nos causam mais pena e dor quando neles pensamos, dia e noite, quando os encontramos e os vemos. Só em São Paulo devem existir mais ou menos 1.200 mil desempregados. Nós pediríamos muito que os planos do Presidente da República sejam realmente colocados em ação e que 1 milhão de desempregados receba já no primeiro trimestre um trabalho e um trabalho remunerado suficiente para alimentar a sua família, e que, pouco a pouco o Brasil retome novamente o desenvolvimento sem que cresça de novo a inflação ou que venha de novo a recessão mais tarde. O Brasil pode viver sem a recessão, tem capacidade para isso, e dando trabalho para todos. Porque se há fome é necessário produzir e se é necessário produzir vamos dar trabalho aos que podem produzir.



O circo da morte

Frei Betto

— É, parece que vou ser adotada no Brasil — diz toda convencida a cadeira elétrica.

— Por quê? Lá não tem pena de morte! — retruca, despeitada, a forca.

— Não tem oficialmente — reage ofendido o fuzil — De fato, só em São Paulo morreram 1.264 pessoas baleadas por policiais-militares, de janeiro a outubro de 1992, sem contar o massacre na Casa de Detenção. Ao menos oficiosamente minha cotação continua em alta no Brasil.

— Mas que história é essa de pena de morte nos trópicos? — indaga, curiosa, a guilhotina, sem disfarçar o sotaque francês.

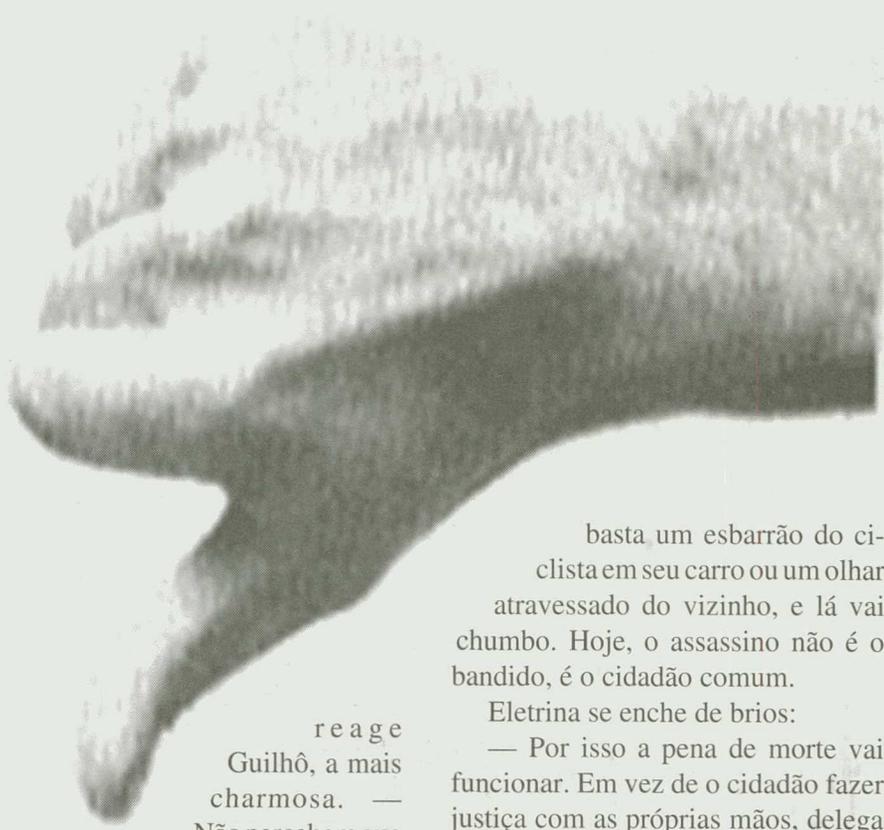
Bem assentada, Eletrina explica:

— Andam matando por lá quem não devia morrer antes da hora: crianças bem nascidas, atrizes de novela, homens de negócio. E isso está suscitado indignação nacional. A TV multiplica sua audiência novelizando os casos e criando um caldo de cultura favorável à lei do talião.

— Ora, deixa de bobagem, Eletrina — reage Fuzilino — só no ano passado foram assassinados, no Brasil, 32 trabalhadores rurais, por conflitos fundiários, e ninguém pôs a boca no trombone. Por dia, são mortas cerca de três crianças de rua, e nenhum canal de TV dá uma de carpideira. Por que os sinos não dobram quando as vítimas são pobres?

— Eu que pensava em aposentar-me, agora fui de novo convocada ao trabalho — suspira Forquina — Dei um belo show em Washington, torcendo o pescoço de um cara que assassinou duas crianças.

— Vocês estão ficando malucas —



reage

Guilhô, a mais charmosa. —

Não percebem que

pena de morte não re-

duz crimes? Fiz rolar a cabeça de Maria Antonieta; os abusos das elites acabaram? No Brasil, há cerca de 170 mil presos. Nos EUA, mais de 1 milhão. Se alguém pensasse na punição, não haveria assassinatos. Mas quem mata se julga impune e, por isso, quase todo crime tem considerável dose de premeditação.

— Como assim? — pergunta Fuzilino interessado.

— Primeiro, o sujeito enche a cabeça de fantasias. Educado por revistas em quadrinhos e filmes, acredita que os justiceiros — Batman, Super Homem, Rambo etc — são mais eficientes que o aparelho policial. Veste a carapuça e compra uma arma. Há nele uma predisposição assassina. Por fim,

basta um esbarrão do ciclista em seu carro ou um olhar atravessado do vizinho, e lá vai chumbo. Hoje, o assassino não é o bandido, é o cidadão comum.

Eletrina se enche de brios:

— Por isso a pena de morte vai funcionar. Em vez de o cidadão fazer justiça com as próprias mãos, delega ao Estado a função de carrasco. Se a TV já faz esse alarde todo em torno de quem já morreu, imaginem o que não fará em torno de quem vai morrer: já vejo os repórteres entrevistando o condenado, sua família reconhecendo que desde pequeno não era uma criança normal, as cenas do corredor da morte, o cardápio da última refeição e, enfim, eu lá no fundo, toda de Paco Rabanne, pronta para o abraço da morte.

— As elites políticas vão adorar — sugere Guilhô com ironia. — Fazer do Estado altar de holocaustos é tirar de foco as crises políticas. Na falta de pão da vida, vale o circo da morte.

Frei Betto é escritor

Tudo, menos o homem!

Mário Ottoboni

Infelizmente, a Justiça brasileira, com raríssima exceções, não lida com homens, mas apenas com nomes, sendo-lhe, por essa razão, indiferente a sorte do sentenciado. Pouco importa, também, se no curso de pena, o homem mudou, assumiu outra postura, alterou o modo de pensar, arrependeu-se e transformou-se de tal forma, que já não há como compará-lo com aquele que existia na ocasião do crime.

Mas tudo está bem, se são os mesmos, e não sofreram alterações, o nome do infrator, o número do processo e o tempo de condenação. Só isso interessa! Aí, então, o nome acaba se juntando ao indivíduo e se confundindo com a sua personalidade. A sociedade, embora queira o melhor, neste caso, quase sempre é levada a raciocinar contraditoriamente, deixando-se envolver e perde a noção do certo, encurralada que fica no redemoinho de um permanente e nocivo noticiário, gerado no ventre da violência do consumismo.

A sociedade, por falta de informação, desconhece os objetivos da pena; basta saber que o infrator está preso, esquecendo-se, até mesmo de que, apesar dos pesares, a Justiça acabará expedindo, por imposição legal, o alvará de soltura, quando o condenado saldar a sua dívida.

Poucos são os magistrados, desembargadores, representantes do órgão do Ministério Público que se voltam para o aspecto fundamental da

pena, que é a recuperação do preso. Para a maioria dessas autoridades ou há desconhecimento ou uma visão distorcida da realidade ou tudo se exaurir na área do exibicionismo literário, do zelo gramatical, do esmere



terminológico, comumente sortido de citações de nomes dos mais variados e estrambólicos autores estrangeiros. Na verdade, no jogo que promovem, somente despontam o nome do condenado e o respectivo tempo de condenação; não conheço providência alguma do Estado, no sentido de corrigir esse descanso para com tão importante problema. Entretanto, quando uma ou outra autoridade, isoladamente, volta

suas vistas para a questão, preocupando-se com a reintegração social do preso, acaba falando sozinho, sem contar com o respaldo oficial necessário e sendo, muitas vezes, motivo de zombaria de colegas de trabalho.

Para certas mentalidades a pessoa não ocupa nenhum espaço nesse contexto e, por essa razão, a justiça acaba somente enxergando os cálculos correspondentes ao tempo de condenação; fica impassível face à eliminação de um chefe de família; da desagregação de um lar atingido pela prostituição da esposa e pelo abandono de crianças, que acabam ingressando nas fileiras do poderoso exército dos futuros delinquentes.

Para muitos fiscalizadores e aplicadores da lei, a função social do direito está adstrita apenas ao tempo da condenação e jamais a conduta do sentenciado, ou aos seus propósitos de emenda. Um assaltante, por exemplo, só estará regenerado, em condições de voltar ao convívio social, após cumprida a pena de 5 anos, 4 meses e 5 dias de reclusão. Convenhamos,

essa não é a medida, o tempo necessário para recuperação de ninguém. É preciso acabar com essa fantasia, sendo indispensável que todos, indistintamente, tomem consciência dessa realidade.

Mário Ottoboni advogado e presidente da APAC (Associação de proteção e assistência aos condenados), de São José dos Campos.

Maria: a bem-amada de Deus

Leonardo Boff

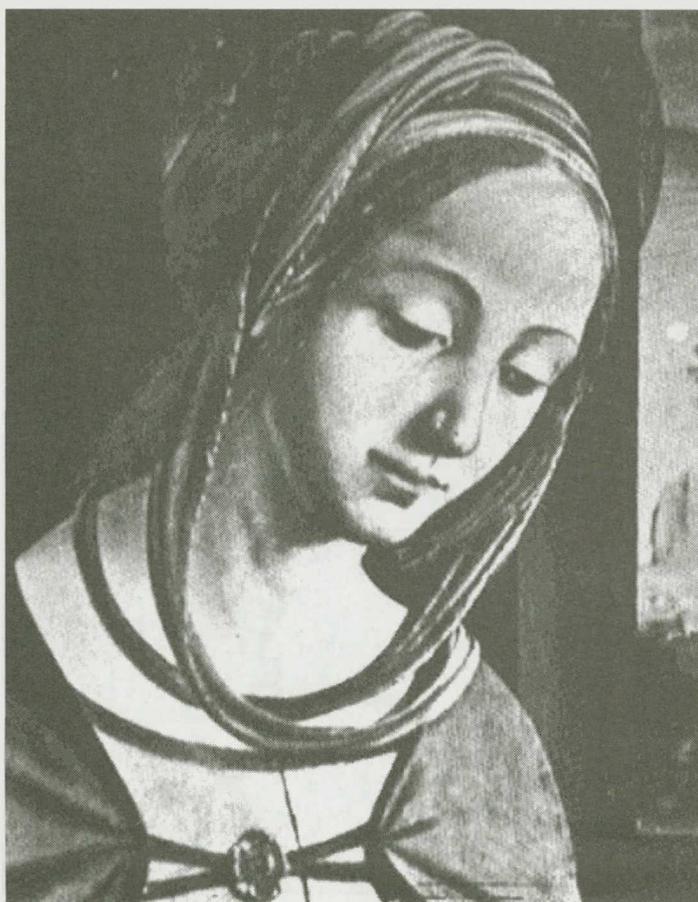
Generalmente os nomes são arbitrários; seu significado etimológico pouco ou nada tem a ver com as pessoas que os levam. Entretanto para o homem antigo não era assim. Os nomes possuíam uma mística; pensava-se que eles traziam às pessoas as qualidades significadas ou encerravam o destino da pessoa, o sentido de sua missão por este mundo. Por isso a escolha do nome era objeto de discussões em família, de muito cuidado e reflexão. Às vezes a imposição do nome constituía uma revelação do céu. É assim que os Evangelhos pintam as cenas da escolha do nome de João, o Batista (Lc 1, 13.59), e de Jesus (Mt 1, 25; Lc 1, 35; 2, 21). Nada sabemos se assim foi com o nome de Maria. Entretanto, o significado etimológico mais coerente e aceito se coaduna de forma maravilhosa com o significado histórico-salvífico da pessoa de Maria. Parece, com efeito, que o próprio nome já encerra, como uma promessa, tudo aquilo que Maria iria historicamente traduzir e mostrar: ser a amada por excelência de Deus. Este é o significado que grande número de estudiosos confere

ao nome Maria, Maryám ou Miryám.

Maria é um nome composto de duas raízes, uma egípcia e outra hebraica. Myr em egípcio significa a amada e yam em hebraico constitui uma das abreviações da Javé (ya ou yam). Maria ou Miryám quer dizer, então, a amada de Javé, a bem-amada de Deus. Esta derivação filológica possui grande probabilidade histórica, porque o primeiro nome conhecido de Maria é o da irmã de Moisés e de

Aarão que eram egípcios (Ex 15, 20). Moisés e Aarão são igualmente nomes egípcios; de Aarão não sabemos o significado; de Moisés, como o próprio relato bíblico o diz (Ex 1, 10), significa “o libertador das águas”, nome que a filha do faraó lhe impôs por tê-lo salvo das águas do Nilo. A irmã de ambos se chama Maria, nome certamente também egípcio. Sabemos que era freqüente o costume egípcio de compor os nomes: começavam com “myr” ou “meri” (amado, amada) e terminavam com a designação de algum deus (Ra, Amon etc.). Provavelmente os judeus, seguindo este costume, deram o nome de Maria à irmã dos dois próceres da libertação do Egito, tendo o cuidado de colocar uma terminação da divindade hebraica que era Javé (Yam, Ya). Repetindo, Maria significa, então, a amada de Javé.

Para Maria vale o adágio dos antigos latinos: “Nomen est omen”, quer dizer, “o nome é o verdadeiro sinal da coisa”. Em outros termos: O próprio nome Maria já é indicativo da destinação única de Maria, a de ser eternamente a bem-amada de Deus, aquela eleita para ser o receptáculo do Espírito



Santo e do Filho eterno, concebido em seu seio. Este privilégio não visa apenas as demais mulheres da história. Deus-Pai quer mostrar em Maria, já dentro da história, aquilo que preparou para todas as mulheres à semelhança de Maria. O feminino da criação é elevado à dimensão de Deus; Deus mesmo mostra por Maria e em Maria, a bem-amada, seu rosto feminino, virginal e materno.

Há muitas outras etimologias, a grande maioria fruto da piedade e devoção marianas, cujo grau de convencimento é bem menor. Referiremos apenas algumas.

Uma etimologia que possui certa probabilidade se firmou a partir das descobertas de Ras Shamra, na Síria, de 1929-1932. Aí se desenterrou a antiga cidade de Ugarit com uma enorme quantidade de tijolinhos com inscrições cuneiformes. Muitas vezes ocorre a palavra "mrym" para designar uma montanha que ainda hoje se eleva a 1.700 metros acima do mar (Djebel Aqra). A transcrição da palavra ugarítica "mrym" que significa altura ou a excelsa, a sublime, a exaltada para o hebraico pode resultar em "maryám", pois as consoantes são perfeitamente idênticas. Sabe-se que em hebraico altura se traduz por "marôm". Esta palavra possui uma conotação de importância e solenidade; Deus habita no alto (Is 33, 5), é o "Deus da altura" (Mq 6, 6) e habita a santa "altura" de Sião (cf. Jr 31, 12; Sl 101, 20). Segundo a índole própria do hebraico, da palavra marôm se pode derivar maryám. Ademais, os hebreus poderiam ter tido contato com os habitantes de Ugarit, porque o seu ocaso no século XIII ou XII aC. coincide aproximadamente com o êxodo israelita do Egito.

Aceita a plausibilidade desta interpretação, Maria significaria então "a sublime, a exaltada, a excelsa" à semelhança da montanha santa e imponente dos habitantes de Ugarit. Tal sentido traduziria perfeitamente a real função que Maria efetiva-

mente desempenhou na história da revelação de Deus e em nossa salvação.

Outras interpretações se prendem à divisão que se pode fazer da palavra Miryám, Maryám. Mar em hebraico significa amargo; *mir* quer dizer iluminador; *yam* é palavra para mar. A combinação *mar-yam* resulta no seguinte sentido: mar de amargura. O nome Maria apontaria para o aspecto co-redentor de Maria, tema muito presente na piedade católica; ela participou da paixão de Jesus; é com razão venerada como a Mater dolorosa, a mãe com o coração transpassado por sete espadas. Aceitando-se a derivação de *mir*, segue que Miryám significa então a iluminadora, aquela que faz ver o desígnio de Deus. O *am* seria uma mera desinência formativa.

Outros derivam Maria de *mary* que significa gorda. Uma mulher gorda para os semitas constituía o símbolo da beleza. Então Maria seria simplesmente a bela. Tentou-se deduzir Maria de *mary* que quer dizer rebelião. Maria seria a mulher profética do Magnificat que proclama a rebelião

divina, invertendo os papéis sociais: derrubar os poderosos e exaltar os humildes, encher de bens os famintos e aos ricos despedir de mãos vazias (Lc 1, 52-53).

Por fim houve quem derivasse Maria de *mar* ou *mary* que significa senhor e em siríaco, como lembra ainda S. Jerônimo, senhora. Maria seria, por conseguinte, a Nossa Senhora por excelência, aquela mulher na qual melhor se realiza o desígnio divino acerca do feminino.

Todas estas últimas explicações etimológicas foram abandonadas, por insuficiência de sentido filológico, permanecendo apenas as duas primeiras de derivação egípcia ou ugarítica, como as mais plausíveis. De todas as formas, as várias explicações estavam a serviço da piedade que procurou discernir um sentido secreto no nome daquela pessoa que tão decisivo lugar ocupa no nosso peregrinar para Deus.

Leonardo Boff é teólogo e escritor. Artigo extraído do livro A Ave-Maria - O feminino e o Espírito Santo, Editora Vozes.



Texto e devoção

Reginaldo Alves de Sá

Na sua tiragem de 15 de setembro de 1992, o cotidiano carioca "Jornal do Brasil" anunciava: "Egito libera para exibição livro cristão de 1600 anos".

Esse livro, que o jornal designa como "cristão", não é senão o livro dos salmos de Davi e foi encontrado num túmulo cristão perto de Beni Sweif (cidade do Médio Egito) em 1984. Ele estava sob a cabeça de uma menina de 12 anos, que teria falecido, segundo os arqueólogos, há 1.600 anos.

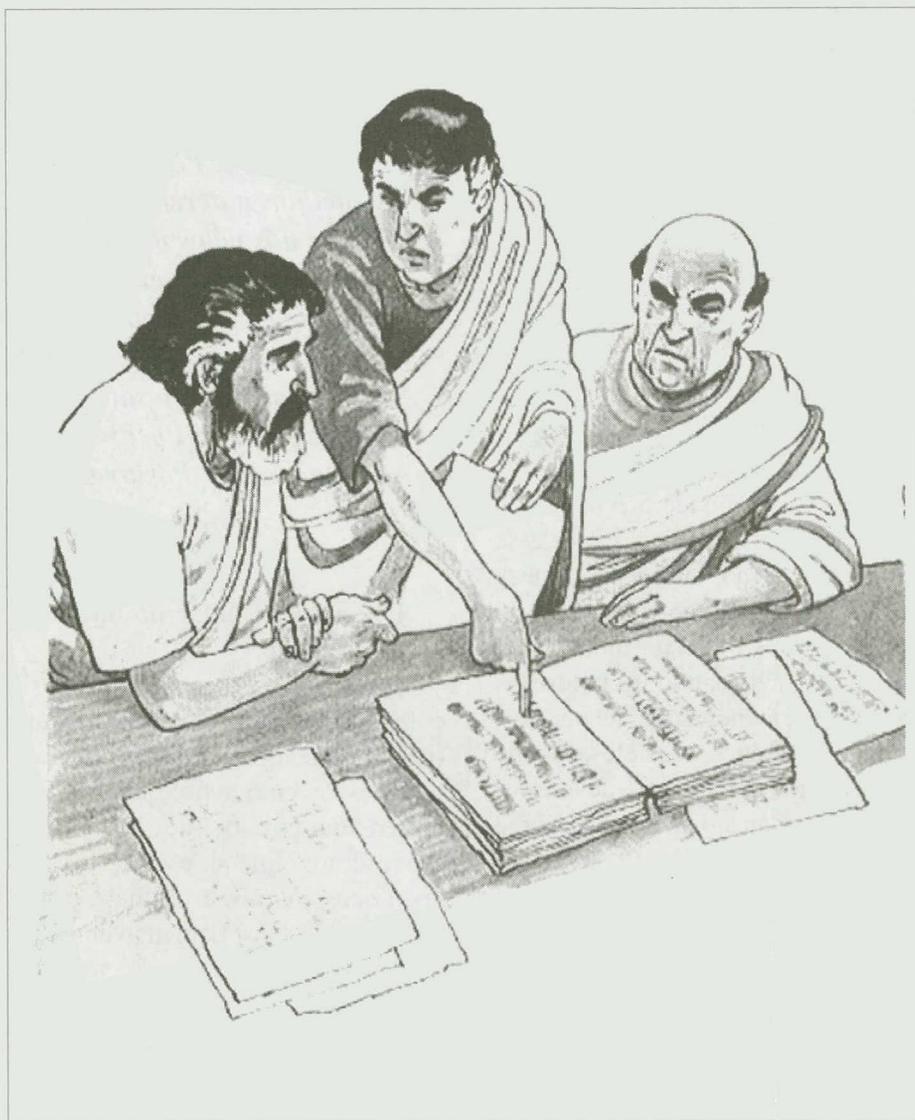
O livro, diz ainda o jornal, tem formato pequeno e cerca de 500 páginas de pergaminho, manuscritas e encadernadas em 31 grupos de folhas. Foi o arqueólogo, e diretor do Museu Copto do Cairo, Gawdat Al-Gabra, que decifrou o texto do livro, escrito no dialeto oxírrinco da língua copta, que é a última fase de língua do antigo Egito. Segundo ele, "o livro deve ter sido posto sob a cabeça da jovem com a intenção de protegê-la, uma fascinante continuação das tradições faraônicas".

De fato, no antigo Egito, famílias ricas sepultavam seus mortos, colocando-lhes ao lado papiros, nos quais justificavam as suas vidas na terra e pediam a bênção aos seus deuses.

Mas aqui, o que nos interessa é a presença do livro dos salmos num túmulo cristão, que pode parecer incompreensível a cristãos ocidentais, que achariam normal, nesse mesmo túmulo, a existência de um símbolo como, por exemplo, uma cruz ou uma imagem.

É a história do antigo Egito que nos dará uma explicação.

A civilização egípcia, toda impregnada de religião, atribuía à palavra



uma força sobrenatural. Muitas orações da liturgia eram conhecidas só dos sacerdotes, afim de que os leigos não abusassem do seu poder. Os nomes das divindades não eram também conhecidos de todos, por medo de que fossem utilizados contra os próprios deuses.

Paralelamente, a magia, que celebrizou o Egito na antiguidade, empregava fórmulas cujo poder era

considerado invencível.

Os cristãos egípcios herdaram, essas concepções, que foram, na religião, transfiguradas pela fé, mas que a magia, ainda hoje florescente no país, manteve intactas. Existem, aliás, grandes coleções de textos mágicos coptos.

Os coptos têm uma iconografia, mas a sua devoção se volta sobretudo para os textos. Em centros de peregrina-

nação podem ser adquiridos livros minúsculos, que contêm simplesmente um versículo de um salmo e são levados às vezes como amuletos.

Rezam frequentemente os salmos, não só na igreja, mas ainda fora dela, por exemplo no ônibus ou no trem.

Nas ruas do Cairo, são vendidas por camelôs traduções árabes dos salmos, impressas em papel de qualidade inferior, cujo preço é acessível até às pessoas mais pobres.

Ao entrar na igreja para assistir à missa, o copto piedoso beija os grandes livros litúrgicos destinados às leituras.

Os cristãos ocidentais e, mais ainda, os bizantinos, veneram principalmente as imagens. Os ícones têm para os bizantinos um valor sagrado, que as imagens já não têm para os ocidentais. Um teólogo luterano, grande especialista da espiritualidade bizantina, em uma obra de valor, em que expõe essa espiritualidade aos europeus, começa pela teologia do ícone.

Os orientais ficam profundamente escandalizados quando vêem turistas em busca de ícones, somente por causa do valor estético. Para eles, o ícone é um objeto sagrado, que deve estar numa igreja ou no oratório de uma família cristã. Há anos, o patriarca Atenágoras, de Constantinopla, de feliz memória, diante do grande número de estrangeiros que iam a Istambul procurar ícones, com uma finalidade comercial ou puramente artística, ameaçou de excomunhão os fieis ortodoxos que lhes vendessem os seus ícones.

Existem hoje entre os coptos "santinhos" como os nossos, mas isso é recente e veio da Europa, como se pode ver pelo seu próprio estilo. Alguns artistas estão fazendo agora santinhos em estilo copto, mas são uma minoria.

Reginaldo Alves de Sá é frade dominicano, viveu mais de 30 anos no Oriente (Cairo, Istambul e Beirute); foi bibliotecário no convento dos dominicanos no Cairo.

O que é ler positivamente?

Francisco Gomes de Matos

A partir da revista número 12/92 demos início a uma série de artigos sobre Pedagogia da Positividade. Eles nos vão ensinar a ler melhor, a aprender melhor, a perceber melhor o mundo que chega até nós pelos meios de comunicação, especialmente a escrita.

Nos ajudarão a ter novos critérios para avaliar o que se diz e como se dizem as coisas, se dignificam o ser humano ou não, se o vocabulário é construtivo ou não.

Se considerarmos o saber ler como a construção de significados, uma Pedagogia da Positividade teria por base os princípios do Saber e do Querer Ler Positivamente. Para isso, há três pré-requisitos:

1. Pôr-se no lugar do autor do texto a ser lido.

Essa *empatia*, como dizem os psicólogos, pressupõe o conhecimento (mesmo incompleto) da biografia de quem escreveu o texto: qual sua formação?, que cosmovisão apresenta em seus escritos? Em que escalas de valores (éticos, morais, espirituais, culturais etc) se baseia? Lamentavelmente, poucas vezes temos acesso a dados biográficos dos autores — caso frequente em livros didáticos; — por isso, temos que inferir os atributos positivos (da formação, personalidade, etc) a partir da comunicação escrita. Em suma, ser um *leitor co-autor* da mensagem lida, numa interação positiva.

2. Considerar que, em todo texto, há intenções expressivas e comunicativas.

Perguntemo-nos, então: o que a autora estará querendo comunicar? Sua intenção está manifestada com clareza ou terei que reconstruí-la? Qual o

grau de positividade dessa intenção? Como avaliá-lo?

3. Identificar os conceitos-chave positivos que ocorrem no texto.

Para nós, leitores cristãos, a leitura da Bíblia constitui a melhor fonte de positividade. Nesse conjunto de livros há inúmeros conceitos chave positivos, reveladores dos valores humanos e divinos que podem nortear a convivência dos cristãos. Assim, uma consulta ao índice doutrinal da *Bíblia Sagrada* (Editora Ave Maria, SP, 53ª ed., 10-11) possibilitará a enumeração de pelo menos 20 conceitos positivos, a saber: alegria, aliança, amizade, amor apostolado, boas obras, caridade, castidade, concórdia, consciência, esperança, fé, graça, honra, humildade, justiça, lei, liberdade, obediência e perseverança.

Como identificar a positividade de um texto?

A primeira estratégia foi descrita acima: *procurando-se os conceitos-*



chave positivos. Basta fazer uma leitura seletiva, com atenção voltada para substantivos que manifestem traço de positividade. Além dos supracitados: aceitação, bondade, compreensão, confiança, cooperação, dignidade, fidelidade, generosidade, honestidade, integridade, patriotismo, paz, perdão, respeito, responsabilidade, sabedoria, santidade, sensatez, ternura, trabalho, união, verdade, virtude. Esse mini-vocabulário de substantivos positivos se refere a atributos, condições ou processos. Cabe a cada um de nós, leitores, organizar seu próprio Vocabulário Positivo da Língua Portuguesa (e de outras línguas que soubermos).

A segunda estratégia é a *busca de mensagens que contribuam, efetivamente, para um crescimento pessoal e coletivo* (da Sociedade em que vivemos). Quantas mensagens positivas foram transmitidas pelo autor? Ao questionarmos afirmações no texto, façamos uma tradução de idéias negativas ou não-constructivas em idéias promotoras do BEM.

Um leitor positivo re-constroí, no

texto lido, algo que lhe parece desumano, injusto, preconceituoso em pensamentos constructivos, dignificantes do ser humano. Ler *bem* é em síntese, ler *para o bem*.

A terceira estratégia para um processamento positivo de uma mensagem escrita é ler contextualmente, isto é, considerando o contexto socioeconômico-cultural-político em que ocorreu a produção do texto: *onde, quando* foi escrita a mensagem, sob influência de que fatores de natureza diversificada? Um exemplo atual: a situação política do País, a condição econômica cada vez mais difícil (para a maioria das pessoas), tudo isso pode impactar fortemente na mente dos autores, levando-os a um modo pouco positivo de “tratar” as informações, os fatos. Em suma, ler positivamente é, também, ler *contextualmente*.

A quarta estratégia está centrada na *relatividade semântica*, ou seja, na variedade de significados que podem ter as palavras. Embora compartilhem das mesmas culturas (nacional, regional, estadual, municipal, educacional, política etc), cada um de nós,

como usuário de língua portuguesa possui seu vocabulário “ativo” preferido, reflexo, em grande parte, de nossas experiências interpessoais nas múltiplas situações em que interagimos com nosso “próximo linguístico”. Assim, *democracia, liberalismo, libertação, paz, segurança*, podem receber significados distintos, dependendo dos sistemas de crenças e valores.

Ao ler um livro, um artigo *positivamente* impõe-se considerar que as mentes (do autor e do leitor) podem ter criado sentidos às vezes até contrastantes ou opostos. Daí o requisito da magnanimidade: se o leitor estivesse no lugar do autor, que alternativa teria preferido para concretizar sua idéia? Recorreria a palavras mais *específica* do que *genéricas*?

O saber ler com positividade envolve, ainda, o saber ler com criticidade construtiva. Quantas vezes, após a leitura de um capítulo de um livro, nossas mentes ficam impregnadas do que é apenas questionável, objetável, contestável, reprovável. Se, nessas ocasiões, transformássemos os questionamentos, as objeções, em contra-argumentos positivos, constructivos, estaríamos cumprindo nossa obrigação como leitores positivos. Do mesmo modo que temos o direito de *ler questionando, inquirindo, discordando*, cabe-nos a responsabilidade de *ler construindo, edificando, dignificando*.

Para concluir, um lembrete prático: ao ler, descubra primeiro o que há de positivo ou construtivo. Afinal, todo ser humano tem o potencial de comunicar algo de bom aos outros. Ler é ler para o bem, do autor e do leitor, irmãdos intelectualmente. Ler positivamente é um dever do cristão!

Dr. Francisco Gomes de Matos é professor de Linguística, Departamento de letras, UFPE, Recife e ex-professor na PUC-SP.

Conviver com o adolescente

Myriam Valias de Oliveira

Quando a criança é pequena, muitas vezes os pais se perguntam:

— Será que estamos lhe fornecendo os ingredientes necessários para crescer segura e feliz?

Quando esta entra na adolescência, eles, pais, passam a ser por ela questionados. De maneira bastante embaraçosa. Os procedimentos educativos usados anteriormente passam a não mais funcionar. Não é mais criança, tampouco é mulher ou homem, ou seja, uma adulto. Necessita ser guiada, ajudada. Mas como? Comumente os pais entram em ansiedade, principalmente se as características observadas no adolescente não são aquelas pelas quais batam.

— O que o tornou tão indisciplinado? O que o faz tão tímido? Tão temperamental? Tão mal-humorado? Tão desordeiro?

Os comportamentos ambivalentes do jovem os desconcertam mais ainda. Ora insite para escolher seus próprios programas, para sair com os amigos no carro do pai. Muito auto-suficiente. Muito independente. Ora briga com o irmão menor por causa de um brinquedo. Faz birra e chora como um bebê. Reclama que ninguém lhe dá atenção.

— Como colocar limites? Como exercer a autoridade com sabedoria?

— Os pais têm que ser consistentes e coerentes. Têm que ser firmes e afetivos. O adolescente precisa da firmeza dos pais para que se torne ele próprio firme, seguro. Ao mesmo tempo que procuram compreender os sentimentos do jovem, os pais têm que compreender seus próprios sentimentos. É importante que não haja discre-

pância entre o que sentem e o que falam ou fazem. Por exemplo, ao mostrar-se frustrado quando o adolescente traz um boletim, mas não brilhante, classificar:

— Meu filho, você fez o melhor que pôde. Está de parabéns. Meu desapontamento é porque sou muito perfeccionista. Não ligue para isto não.



Eu é que tenho de me corrigir.

Para melhor compreender o adolescente os pais deveriam se lembrar de seus próprios sentimentos quando foram jovens. Dos sentimentos por vezes hostis em relação aos pais. Dos sentimentos de ambivalência em relação a seu corpo — não aceitação das transformações observadas e ao mesmo tempo certo orgulho, certa vaidade por se perceber rapaz ou moça. Dos sentimentos em relação ao seu oposto. Isto os ajudaria a entender o jovem e a ajudar a crescer.

Dêem ao adolescente amor na medida adequada. Deixem-no viver suas

descobertas, suas experiências. Valorizem-no em suas conquistas em direção à auto-independência. Façam-no sentir-se aceito e compreendido. Ensinem-lhe que não precisa mostrar, a todo momento, que não é mais criança — suas ações é que mostrarão o grau de sua maturidade.

Compreendam que sua identificação com as pessoas de sua idade e sexo não é falta de caráter. Isto é típico desta fase de crescimento. O jovem gosta de falar, de se vestir, de se comportar, como os de seu grupo. Ao mesmo tempo que anseia por ser ele mesmo, quer ser como os outros.

E como fazer para que o jovem se eduque para a responsabilidade e a independência?

— Não é simplesmente impondo tarefas domésticas ou escolares. Com suas atitudes, os pais são o modelo na transmissão dos valores. É importante ouvir atentamente o filho, dar-lhe atenção. Transmitir-lhe o sentimento do valor pessoal. Evitar críticas destrutivas — que firam a personalidade e a dignidade do adolescente. Determinar que espécie de responsabilidade é compatível com sua maturidade. Deixar um espaço para ele opinar, decidir. O jovem não deve simplesmente ser o depositário de ordens. Deve participar. Deve ser responsabilizado pelas consequências de seus atos. Deve assumir a responsabilidade pela sua própria vida. A fim de que encontre o seu sentido de vida. A fim de que se individualize. Torne-se uma pessoa segura, independente, responsável e sobretudo feliz.

Myriam Valias de Oliveira é psicóloga.

QUERIDO LEITOR

Estamos possibilitando ao leitor, nesta seção, colecionar receitas sob duas categorias energéticas. Na primeira parte receitas mais calóricas, na segunda, receitas com menos calorias. Para compreender melhor as duas categorias devemos conhecer os significados dos termos: caloria e metabolismo. Caloria é a unidade de energia contida no alimento — nosso combustível. Metabolismo

refere-se à queima dessa mesma caloria. Quanto maior a quantidade de caloria assimilada pelo nosso corpo maior a quantidade de energia armazenada. Para perder peso deve-se ingerir menos calorias e aumentar a atividade. Por outro lado, comer menos calorias não quer dizer comer mal, ou pouco. Isso é o que verificaremos com as diversidades de receitas aqui apresentadas.

RECEITAS COM MAIS CALORIAS

Fevereiro (especialidade do mês: Arroz)



Entrada

Bolinhos de Arroz (8 porções)

Ingredientes:

4 xícaras de Arroz cozido, (não muito solto).
1 xícara de presunto cozido bem picado.
1 colher/sopa de manteiga.
1 colher/sopa de farinha de trigo.
1 xícara/chá de leite.
3 gemas.
Sal e pimenta-do-reino a gosto.
2 ovos levemente batido.
Farinha de rosca para envolver.
Óleo para fritar.

Modo de preparar:

1. Numa panela pequena, ponha a manteiga para derreter, em fogo médio. Junte a farinha e cozinhe mexendo com uma colher de pau até a mistura dourar.
2. À parte, misture o leite com as gemas, acrescente à panela e continue o cozimento, mexendo sempre até o creme engrossar, tempere com sal e a pimenta-do-reino e retire do fogo.
3. Passe o creme para uma tigela, junte o arroz e o presunto, misture com a colher de pau e amasse com as mãos, até ligar bem os ingredientes.
4. Forme os bolinhos com a mistura de arroz, passe no ovo batido, e em seguida na farinha de rosca.
5. Aqueça o óleo numa frigideira com uma quantidade que dê para cobrir os bolinhos. Vá fritando 4 ou 5 de cada vez, retire-os com uma escumadeira pondo-os para escorrer sobre toalhas de papel absorvente. Guarde no forno aquecido para não esfriar enquanto fritar os outros bolinhos. Sirva-os ainda quentes.

Prato principal

Arroz com ervilhas (6 a 8 porções)

Ingredientes:

1 cebola/média cortada em fatias finas.
4 colheres/sopa de óleo.
1/8 de linguiça/fresca de porco, sem a pele e cesfiada.
2 xícaras de arroz agulhinha.
3/4 xícara/chá de vinho branco seco.
2 cubos de caldo de galinha.
1 colher/sopa de extrato de tomates.
2 latas de ervilhas escorridas.
50 gr de manteiga.
1/2 xícara (chá) de queijo parmesão ralado.
1 colher/sopa de salsinha picada fininha.
Sal e pimenta-do-reino a gosto.

Modo de preparar:

1. Numa panela/média coloque o óleo. Espere esquentar um pouco e nele frita-se a cebola. Agregue a linguiça, depois o arroz (previamente lavado), o vinho deixando evaporar.
2. Agregue 4 xícaras/chá de água quente, no qual deverá ser dissolvido o extrato de tomates e os cubos de caldo de galinha, o sal e a pimenta. Tampe a panela e baixe o fogo até o arroz absorver o caldo.
3. Agregue as ervilhas, a manteiga, a metade do queijo misturando-os suavemente. Deixe cozer por 3 ou 4 minutos.
4. Sirva polvilhando o restante do queijo misturado com a salsinha.

Sobremesa

Sorvete de banana e pêsego (6 a 8 porções)

Ingredientes:

1 1/4 xícara de pêsegos picados fininhos.
1 xícara de purê de bananas.
1 colher/sopa de caldo de limão.
2 colheres/sopa de suco de laranja.
1/2 xícara de açúcar.
1/4 colher/chá de sal.
1 ovo bem batido.
1/2 xícara de leite.
1/2 colher (chá) de essência de baunilha.
1 xícara de creme de leite (ou uma lata de creme de leite).

Modo de preparar:

1. Junte as frutas, os sucos, o açúcar e o sal, e misture.
2. Junte o ovo, o leite, a baunilha, misture bem com a pasta de frutas. Coloque numa tigela e leve ao congelador. Até ficar firme.

3. Tire do congelador e bata na batedeira na velocidade média por 10 minutos, depois na velocidade alta até ficar bem suave. Misturar o creme de leite, bater mais um pouco e levar para gelar novamente.
4. Sirva acompanhado de molhos doces ou frutas picadas.

RECEITAS COM MENOS CALORIAS

Entrada

Omelete de Arroz (4 a 6 porções)



Ingredientes:

- 2 xícaras de arroz cozido, feito sem fritar.
- 2 ovos.
- 1 dente de alho picado bem fininho.
- 1 colher (sopa) de coentro ou salsinha picada.
- 2 colheres (chá) de óleo de soja.
- Sal e pimenta a gosto.

Modo de preparar:

1. Bata os ovos com um garfo, agregue a salsinha, o alho e o óleo e bata mais um pouco.
2. Agregue a pimenta-do-reino e o arroz mexendo até incorporar bem.
3. Coloque o sal.
4. Unte uma frigideira anti-aderente com um guardanapo untado com um pouco de óleo, aqueça-a e despeje a mistura de arroz, nivelando com um garfo toda a superfície.
5. Quando uma face da omelete estiver dourada, vire-a para dourar o outro lado, este procedimento pode se fazer com a ajuda de um prato que se põe por cima da frigideira, vira se esta de cabeça para baixo, a omelete deve ficar no prato, coloque a frigideira na posição normal e deixe a omelete escorregar do prato até tomar posição novamente na frigideira, deixe dourar.
6. Sirva-a ainda quente, ou se preferir fria, acompanhada de saladas.

Prato principal

Arroz de forno amarelo (4 porções)

Ingredientes:

- 150 gr. de Arroz cru, bem lavado (ou 1 xícara e meia).
- 4 fatias de presunto picado.
- 3/4 lata de ervilhas.
- 1/2 xícara/chá de cebola picada.
- 2 dentes de alho.
- 1/2 xícara/chá de tomate sem sementes picado em cubinhos.
- 2 colheres/sopa de Açafrão.
- 6 Fatias de queijo mussarela. Sal a gosto.

Modo de preparar:

1. Bata no liquidificador a cebola, o alho, o sal, o açafrão e a água fazendo um molho.
2. Num prato refratário coloque o arroz, o presunto, a salsinha, os tomates e a ervilha. Misture bem, mexendo suavemente até estar todo bem distribuído.
3. Vá despejando o molho do liquidificador por cima do arroz misturando levemente.
4. Leve ao forno moderado. Quando o arroz estiver quase seco cubra-o com o queijo mussarela.
5. Termine de Assar o arroz até que o queijo tenha se derretido completamente.

Sobremesa

Ameixas com creme de ricota (4 porções)

Ingredientes:

- 12 ameixas médias/frescas.
- 1 xícara de água.
- Canela em pó (1/2 colher de café).
- 1/2 colher/chá de casca de limão ralada.
- Adoçante a gosto.

Creme

- 180 gr. de ricota.
- 1 xícara (chá) de leite desnatado.
- 1 colher (chá) de essência de baunilha.
- 4 envelopes de adoçante.

Modo de preparar:

1. Num prato refratário coloque as ameixas, mas antes fure-as com um palito em diversos lugares (sem exagerar).
2. Misture a água e os ingredientes numa tigelinha, despeje esta calda por cima das ameixas.
3. Leve ao forno moderado por uns 25 minutos.
4. Enquanto isso, prepare o creme. Coloque todos os ingredientes no liquidificador, bata na velocidade média por uns 7 a 8 minutos, até ficar bem suave.
5. Sirva em pratos semi fundos, coloque 4 ameixas por porção, despeje por cima o creme. Pode-se comer morno ou frio.

Essas receitas foram elaboradas e testadas por Paulina Alzamora Leyton Juliani.

A definição mais prática do alcoolismo

Donald Lazo

Há muita confusão sobre as causas do alcoolismo. Certamente, o esforço para eliminar esta confusão devia começar com uma definição do alcoolismo. Eis a definição mais prática que conheço: alcoólatra é todo aquele cujo beber lhe cria repetidos problemas.

Há várias coisas a notar nesta definição. Uma delas é que ela não faz menção do tipo de bebida que leva ao alcoolismo. Isto é importante porque muitas pessoas que têm repetidos problemas quando bebem (o que os classifica como alcoólatras), acham que foi o tipo de bebida que levou aos problemas. Dizem: "Nunca mais bebo uísque nacional. Para mim, doravante, só uísque importado!" Ou então: "Maldita pinga! Daqui em diante, só bebo uísque". Obviamente, não foi o uísque nacional nem a pinga que causou seus problemas. Foi o fato delas abusarem da bebida. Qualquer bebida teria levado aos mesmos resultados, sempre que tivessem exagerado.

Pelo exposto acima, deve ser óbvio que eu não me encontro entre aqueles que fazem distinção entre "bebedores problema" e "alcoólatras". Para mim, por definição, o bebedor problema é o alcoólatra.

Uma outra coisa não mencionada na minha definição do alcoolismo é a quantidade que se bebe. Isto é porque a quantidade não vem ao caso. Embora a maioria das pessoas que bebem muito acabam se criando problemas e se enquadrando, portanto, na minha definição de alcoólatras, algumas pessoas bebem bastante sem se criar pro-

blemas. Por outro lado, alguns alcoólatras bebem muito pouco e, mesmo assim, se criam problemas.

O que leva a tanta confusão nesta área é que, de modo geral (com as costumeiras exceções, que sempre existem), os alcoólatras têm, no início, maior tolerância perante a droga álcool. Quer dizer, eles têm maior capacidade para beber que os não-alcoólatras. Os não-alcoólatras se embriagam mais facilmente e têm ressacas mais fortes e com mais frequência que os alcoólatras. Por muitos anos, os alcoólatras conseguem beber bastante sem se criar problemas. Mas, aos poucos acabam perdendo sua tolerância anormal e se embriagando com cada vez menos bebida. Um alcoólatra que, no passado, conseguia beber 15 uísque numa festa (e era tido como o "bom copo" de sua turma) chega mais tarde a ficar totalmente alcoolizado com meio copo de cerveja. Quando se tornou alcoólatra? Quando bebia muito e não se criavam problemas, ou quando bebia pouco e se criavam problemas? Pela minha definição, era impossível afirmar que era alcoólatra até que começou a ter problemas, mesmo que nessa época, estivesse bebendo bem menos.

A minha definição também não menciona a frequência com que é necessário beber para ser chamado alcoólatra, porque também não vem ao caso. Há pessoas que bebem uma vez por ano, mas toda vez que bebem acabam no hospital. São alcoólatras. Meu pai bebeu todos os dias de sua

vida adulta. Nunca foi alcoólatra, pois a bebida nunca criou problemas. Indo mais longe, eu não bebo há mais de 27 anos, e eu sou alcoólatra... hoje. Alcoólatra não é necessariamente aquele que bebe. Alcoólatra é aquele que não pode beber sem se criar problemas. É o meu caso, tenho absoluta certeza.

Talvez o aspecto mais importante de minha definição é que ela não faz menção alguma das razões visíveis, externas, pelas quais o alcoólatra bebe. Aqui também, isto é porque as razões visíveis pelas quais o alcoólatras parece estar bebendo ou diz estar bebendo não vem ao caso. São apenas justificativas. O que leva uma pessoa a ser alcoólatra é: o fato dela beber, seja qual for a motivação; e *uma anormalidade bioquímica no cérebro* (que não seria o caso de discutir aqui).

Muitos pensam que alcoólatra é aquele que bebe para esquecer, ou por ter magoas, ou por ter algum problema psicológico profundo. Não é verdade. Na hora que uma pessoa se encontra bebendo "para esquecer seus problemas", ela já é alcoólatra há muito tempo e, com toda probabilidade, a maioria dos problemas que ela está tentando esquecer foram causados por beber. Como tenho dito tantas vezes, alcoólatra não é a pessoa, homem ou mulher, que bebe porque tem problemas. É a pessoa que tem problemas porque bebe.

Donald Lazo é Sociólogo pela Universidade de Yale (EUA). Diretor da Comunidade Terapêutica da Chácara Reindal.

Pe. JOÃO DE CASTRO ENGLER, CMF

Nascido em Campinas, SP, aos 19/6/1910, filho de Henrique Engler e Sebastiana de Castro Engler.



Fez seu estudo primário no Grupo Escolar Francisco Glicério de Campinas, e o estudo ginásial no Seminário Menor dos Padres Claretianos de Guarulhos, SP., de 1922 a 1925. O noviciado fez em Guarulhos de 1925 a 1926. Cursou o Filosofia em 3 anos, parte em Guarulhos e parte em Rio Claro. Estagiou em 1930 como professor em Guarulhos; 1931 em Curitiba, no Seminário

Menor. Dois anos de teologia em Rio Claro, outro em Curitiba e terminando em Roma. Lá concluiu com o Mestrado em Teologia, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma em 1936 e o Doutorado de 1937 a 1938. Foram grandes as suas atividades: Lecionou Teologia no Seminário Maior Claretiano de Albano Laziale, Itália em 1936 e 1937. Inúmeras foram as suas publicações durante sua vida. Principais cargos desempenhados: Superior Provincial da Província do Brasil Meridional, Conselheiro do Governo Geral em Roma, Conselheiro Provincial. Foi professor e Diretor do Seminário Maior de Teologia de Curitiba por muito anos. até 1983, quando surgiu a sua doença. Depois de nove anos de enfermidade, veio a falecer aos 8/2/1992 na cidade de Rio Claro.

Pe. ANTÔNIO DE PAULA SOUZA, CMF.

Nascido em Dom Viçoso, MG, aos 07.10.1913. Filho de João de Souza e Maria Joana de Souza. Faleceu aos 25/9/92 em Ribeirão Preto, SP.

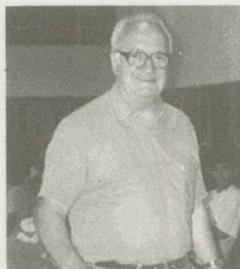


Ingressou no pré-seminário de São Paulo aos 26/4/1929. Iniciou o noviciado em 1/2/1934. Estudou filosofia e teologia em Curitiba, PR, e ordenou-se aos 29/9/1944. Trabalhou nas seguintes comunidades claretianas: Em Rio Claro, atuou como professor e Superior, cooperando em várias comunidades daquela cidade. Em São Paulo, foi professor no Colégio Claretiano, prefeito de disciplina escolar e Diretor por

vários anos, foi Capelão da Escola de Enfermagem das Irmãs de São José. Dirigiu a associação dos adoradores noturnos do Santíssimo Sacramento no Santuário do Imaculado Coração de Maria. Em Londrina, PR, desempenhou os cargos de Vigário e Superior. Em São Paulo, (Vila Leopoldina), como Vigário e Superior, comandou movimentos de Cursos. Em Ribeirão Preto, foi Superior e Vigário, distinguindo-se no serviço da palavra aos Encontros de Casais com Cristo. Em Batatais, comunidade à qual pertenceu como estudante estagiário, como sacerdote-professor, Pároco por duas vezes. *Felizes os que morrem no Senhor. (Apocalipse, 14, 13)*

Ir. FIRMINO ANTÔNIO SIRENA, CMF

Nascido aos 6/01/1935 em Galópolis - Diocese de Caxias do Sul, RS. Filho de: José Sirena e Clara Boff Sirena. Professou aos 8/09/1954, em Guarulhos, SP. Faleceu aos 22/01/1993, em São Paulo.



Aos 30 de março de 1948 ingressou no Seminário Claretiano de Esteio, RS, com intenção de seguir os estudos sacerdotais, tendo posteriormente optado por ser Irmão Missionário.

Em 14 de agosto de 1953 iniciou o noviciado na cidade de Guarulhos e ano seguinte — 8 de setembro — emitiu os primeiros votos. No dia 8 de setembro de 1960, pronunciou seus votos perpétuos.

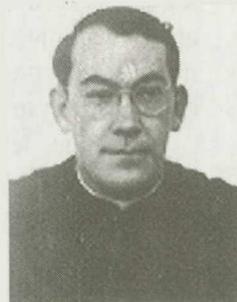
Após ter professado iniciou seus trabalhos no Seminário de Esteio, RS; depois, em Santos, na Paróquia do Imaculado Coração de Maria; depois em Curitiba, no Studium Theologicum e por duas etapas em São Paulo, Paróquia do Imaculado Coração de Maria, onde Deus o encontrou em plena atividade de sacristão e ecônomo da Casa-Mãe dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria.

De caráter jovial, encontrava-se cada dia tranquilo e alegre, explorando o lado humorístico dos fatos, com o que conseguia tirar sorrisos até mesmo dos momentos mais sérios.

Seu trabalho diuturno feito com amor e responsabilidade, fica para a posteridade como testemunho da dedicação à qual empregou toda sua vida. Deixa uma grande lacuna e por muito tempo aqueles que o conheceram o lembrarão com saudades do amigo tão agradável. *"Os justos estão em festa na presença de Deus, exultam e transbordam de alegria" (Sl 67,4).*

Pe. ROBERVAL DE LAPERRIERE, C.M.F.

Nasceu em Carangola, MG, aos 21/3/1926, Faleceu em Esteio, RS, aos 20 de novembro de 1992.



Ingressou no Seminário de Rio Claro, SP em 1938; sua primeira profissão foi Guarulhos, SP aos 2/2/1945; ordenou-se sacerdote em Curitiba, PR, aos 6/12/1953; trabalhou nas seguintes Comunidades da Província Claretiana Meridional do Brasil: Professor de Ciências Exatas em: Batatais, SP; Rio Claro, SP; Esteio, RS; Vigário Paroquial em: Araçatuba, SP; Ribeirão Preto, SP.; Santos,

SP.; Esteio, RS. *"Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá". (João, 11, 25).*

A catequese hoje

Eugênio Pessato

Durante algum tempo, refletimos sobre a história da catequese que já passou e fez história, agora começaremos a refletir sobre o que acontece na catequese hoje.

Para que isso se realize de uma maneira mais participativa, como deve ser a catequese hoje, gostaria de receber a coloboração dos estimados leitores que durante este tempo têm nos acompanhado. Escreva-nos relatando suas experiências catequéticas, porque independente de cada realidade em que a catequese acontece ela é sempre "anúncio de Jesus Cristo" e assim poderemos realmente saber como é que a catequese está fazendo história hoje.

I. A catequese no documento de Santo Domingo.

Nada mais atual para nós hoje, que o documento de Santo Domingo. O que é esse documento? É o resultado de uma assembléia de evangelizadores, bispos, padres, religiosos e leigos, realizada em Santo Domingo, República Dominicana, por ocasião da celebração dos 500 anos de Evangelização da América.

Essa assembléia realizou-se de 12 a de outubro passado, e esta foi a 4ª, porque outras três já foram realizadas. A 1ª foi aqui no Brasil, no Rio de Janeiro, em 1955.

Em 1968, realizou-se a segunda em Medellín (Colômbia) e a terceira em 1979 em Puebla (México), com toda a certeza as conclusões de Puebla vocês já conhecem, portanto veremos juntos agora as conclusões de Santo Domingo, sobre a catequese.

1. A igreja convocada a santidade:

1.1. Convocada pela palavra:

Usando as palavras ou ensinamentos do Concílio Vaticano II, "a Igreja, comunidade Santa, convocada pela Palavra, tem como uma de suas principais tarefas, a de pregar o Evangelho".



Sentindo a importância desse compromisso é que os bispos das Igrejas particulares que peregrinam na América Latina e no Caribe e todos os participantes reunidos em Santo Domingo disseram:

"Queremos assumir com renovado ardor que os tempos exigem, o chamado que o Papa, sucessor de Pedro, nos tem feito para empreender uma Nova Evangelização, muito conscientes de que evangelizar é necessariamente anunciar com alegria o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino e o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus!

A partir da situação generalizada de muitos batizados na América Latina, que não deram sua adesão pessoal a Jesus Cristo, se impõem no ministério profético da Igreja, de modo prioritário e fundamental, a proclamação vigorosa do anúncio de Jesus morto e ressuscitado, que chamamos de Querigma.

Por isso a catequese, atualizando incessantemente a revelação amorosa de Deus manifestada em Jesus Cristo, leva a fé inicial à sua maturidade e educa o verdadeiro discípulo de Jesus Cristo.

A catequese deve nutrir-se da Palavra de Deus, lida e interpretada na Igreja e celebrada na comunidade, para que, ao esquadrihar o mistério de Cristo, ajude a apresentá-lo como Boa Nova nas situações históricas de nossos povos. (Santo Domingo.-33)

O documento ainda diz que é especialmente pela liturgia que o Evangelho penetra no coração das culturas. A catequese, deve portanto acontecer durante a celebração litúrgica, porque toda a cerimônia litúrgica de cada sacramento tem um valor pedagógico, a linguagem dos sinais é o melhor veículo para que a mensagem de Cristo penetre nas consciências das pessoas.

Em seu discurso à UNESCO, em 02/06/80, o Papa disse: "as formas da celebração litúrgica devem ser aptas para expressar o mistério que se celebra e por sua vez ser claras e inteligíveis para os homens e mulheres." Por isso façamos com que a Palavra se encarne na celebração que realizamos, isso é catequese.

Eugênio Pessato é sacerdote claretiano, professor de catequese em Curitiba, PR.

LUZ PARA TODO AQUELE QUE NÃO VER

4º Domingo da quaresma

21/03/93

1ª Leitura: 1Sm 16, 1b.6-7.10-13a

Nesta narração da unção de Davi (há outras: 2Sm 2,4; 5,3) importa observar que Davi é especialmente eleito por Javé; Deus está com ele e lhe dá seu espírito (16, 18). Deus não olha para a aparência exterior, mas para o interior. De seu servidor, espera um coração desarmado. (Cfr. 2Sm 7, 8; Sl 78 (77), 70; 89 (88), 21).



Segunda Leitura: Ef 5, 8-14:

Quem conheceu a luz de Cristo, vê o mundo sem Deus como trevas, e quem vive nestas trevas, ainda não despertou para a vida que Deus lhe quer proporcionar. Os efésios, por sua conversão, romperam com uma existência pagã; devem lembrar-se de que pertencem à luz, não às trevas.

Evangelho: Jo 9, 1-41:

Jesus cura um cego, mas o resultado que de fato importa mesmo é a profissão de fé: ver Deus em Jesus Cristo. Na narração, desenha-se um duplo gráfico: uma linha de fé ascendente, no caso do cego, e a linha descendente, dos judeus, e especialmente os fariseus que negam redondamente o fato da cura.

Comentário:

Através das leituras bíblicas, a liturgia deste domingo coloca-nos di-

ante de Jesus Cristo, “luz do mundo”, isto é, aquele que manifesta a luz da verdade sobre nossa existência. Quem opta pela verdade e a pratica, sabe disso. Quem adere à mentira e à discriminação, se esquiva da luz que é Jesus Cristo, pois Ele torna clara uma vida viabilizada pela carência de sentido.

Que pensamos nós de Jesus Cristo? Vemo-Lo apenas como um homem extraordinário, um profeta, um condutor de povos, um milagreiro? Ou vemos Nele o “Filho do Homem” (Jo 9, 35) que, para nos tornar cônscios de nossa missão, usa um estilo muito próprio, o Evangelho? Para o cego de nascença Ele “é um Profeta” (Jo 9, 17). A imagem que temos de Jesus Cristo há de refletir-se no nosso modo de viver.

Desta maneira, Jesus Cristo deve ser o critério que norteia nossas ações, nossa opção fundamental.

É nesta perspectiva que devemos ler a história do cego de nascença que não esconde a obra de Deus-Pai realizada nele através de Jesus Cristo; ele quer dar testemunho da verdade. Por outro lado, os fariseus usam de todos os meios possíveis para encobrir seu testemunho.

Observemos também que o cego de nascença leva tempo para chegar à madura profissão de fé. Mas através de Jesus aprendeu a proclamá-Lo na resistência ao ambiente incrédulo (Jo 9, 28-38). Não podemos nos contentar apenas com o batismo. Nossa fé é para o mais. E crescerá na medida em que, de modo permanente, nossa vida for colocada à luz de Jesus Cristo. Trata-se portanto de assumirmos um compromisso ético de amor e serviço à humanidade, que suscite o redescobrir de uma educação capaz de fazer-nos enxergar aquilo que não conseguimos com nossos olhos físicos. Neste sentido, a visão não é um problema meramente físico e individual. O cego físico, quando amado e orientado, percebe muito mais da realidade do que o vidente que, pelo seu individualismo

ou pela opressão que pratica, não consegue enxergar as verdadeiras dimensões da existência humana. Ver ou não ver é, assim, um problema comunitário. Nós vemos juntos. Porém, podemos nos tornar cegos juntos também.

Oxalá tudo isto seja um sinal que oriente nossa caminhada.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 22 - Segunda-f.: *Is 65, 17-21* — Não haverá mais solução, nem tristeza, nem morte prematura; *Sl 29, 2 e 4.5-6.11-12a e 13b*; *Jo 4,43-54* — Cura do filho de um oficial em Cafarnaum.

Dia 23 - Terça-f.: *Ez 47, 1-9.12* — Poder da fonte maravilhosa que jorra do templo; *Sl 45, 2-3.5-6.8-9*; *Jo 5, 1-16* — Jesus cura um paralítico sem ajuda de água.

Dia 24 - Quarta-f.: *Is 49, 8-15* — Deus consola o seu povo na aflição; *Sl 144, 8-9.13cd-14.17-18*; *Jo 5, 17-30* — Como o Pai, também o Filho tem poder de dar a vida.

Dia 25 - Quinta-f.: *Is 7, 10-14. 8-10*; — Profecia do “Deus conosco”; *Sl 39, 7-8a.8b-9.10.11*; *Hb 10, 4-10*; *Lc 1, 26-38* — O Messias será filho de Maria.

Dia 26 - Sexta-f.: *Sb 2, 1a. 12-22* — Prendamos e condenemos o justo a uma morte infame; *Sl 33, 17-18.19-20.21 e 23*; *Jo 7, 1-2.10.25-30* — “Não é este aquele a quem procuram tirar a vida?”

Dia 27 - Sábado: *Jr 11, 18-20* — Manso cordeiro conduzido à matança, eu ignorava as maquinções; *Sl 7, 2-3.9bc-10.11-12*; *Jo 7, 40-53* — Os chefes tramam contra Jesus: “Da Galiléia não sai profeta algum”.

ASSINE A REVISTA
AVE MARIA

RESSURREIÇÃO E VIDA: SINAIS DA PRÁXIS LIBERTADORA

5º domingo da quaresma

28/03/93

Primeira Leitura: Ez 37, 12-14

Explicação da visão dos ossos revivificados. Israel está mais morto que vivo. Deus o há de revificar, para levá-lo de volta à sua terra.



Segunda Leitura: Rm 8, 8-11:

Pelo batismo, o cristão é assumido no mistério da morte e vida do Cristo. Quando o homem só vive seu próprio "eu", ele fica carne perecível e não agrada a Deus. Mas, assumido em Cristo, recebe o Espírito, que ressuscitou Cristo dos mortos, o Espírito que nos faz viver para a justiça e dá vida aos corpos mortais.

Evangelho: Jo 11, 1-45:

Diante da morte de Lázaro e sua própria morte, Jesus nos ensina que Ele é "a Ressurreição e a Vida". Não nos basta pensar em ressurreição segundo o conceito de Marta e os judeus piedosos, mas devemos aceitar a presença da realidade Jesus Cristo.

Comentário:

Jesus faz o sinal pelo povo que o rodeia (Jo 11, 42). Todas as circunstâncias são reais: o lugar, a distância de Jerusalém, o nome do morto, o das

irmãs, o tempo que faz que morreu, o mau odor, a presença dos judeus etc. Estes pormenores poderiam ser desmentidos se não fossem históricos. A autenticidade da narração, a ausência de comentário quando Lázaro se apresenta vivo (Jo 11, 44) e a aceitação do fato por parte dos inimigos (Jo 11, 47) confirmaram a realidade histórica. Os sinais do ministério de Jesus, na Judéia, não entraram no marco literário dos Sinóticos, que se ocupam de outras duas ressurreições: a da filha de Jairo (Mc 5, 35-43 = Mt 9, 18-26 = Lc 8, 40-56) e a do filho da viúva de Naim (Lc 7, 11-17).

O sentido soteriológico do sinal se encontra nas palavras de Jesus a Marta: "... Eu sou a ressurreição e a vida..." (Jo 11, 25). Jesus pretende, com o sinal, mostrar que é enviado do Pai para dar vida nova aos homens. Por isso, cada um dos episódios do 4º evangelho responde ao objetivo geral da vinda de Jesus à terra. Se o sinal prova a missão divina de Jesus e seu poder divino, revela também seus sentimentos de compaixão (não dó), de amizade e de calor humano (Jo 11, 35).

Porém, seu domínio sobre a sensibilidade é perfeito (Jo 11, 6.14). Tudo está subordinado ao fim pelo qual o Pai o enviou ao mundo: ser presença. E ser presença significa fazer história, participar intensamente daquilo que nos propõe o cotidiano.

Como propor a vida quando muitos morrem de fome, sem moradia encurralados pela marginalização? A vida só tem sentido quando é permeada por uma opção fundamental progressiva, histórica, irreversível, universal, única e inevitável que suscite uma práxis libertadora de tudo aquilo que significa obstrução para que a vida se faça. É preciso que o homem, cada um de nós se dê conta de que propor a vida é assumir a história, isto é, estar vigilante para a manifestação dos sinais de morte, lutando contra os mesmos, a fim de que a vida possa surgir. Só é

capaz de defender a vida aquele que percebe a presença daquele que disse: "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo 11, 25). Portanto, querer a vida, é estar vigilante a esta atitude supõe a aceitação de alguém: Jesus Cristo.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 29 - Segunda-f.: Dn 13, 1-9.15-17.19-30.33-62 — *Daniel livra Susana inocente; Sl 22, 1-3a.3b-4.5.6; Jo 8, 1-11* — *Jesus livra uma mulher adúltera.*

Dia 30 - Terça-f.: Nm 21, 4-9 — *Quem olhava para a serpente no estandarte ficava curado; Sl 101, 2-3.16-18.19-21; Jo 8, 21-30* — *Quando tiverdes levantado o Filho do homem, o reconhecereis.*

Dia 31 - Quarta-f.: Dn 3, 14-20.91-92.95 — *Deus livra os três jovens na fornalha; Cântico Dn 3, 52.53.54.55.56; Jo 8, 31-42* — *A verdade vos livrará.*

Dia 1º de Abril- Quinta-f.: Gn 17, 3-9 — *Deus muda o nome de Abraão para "Abraão": pai de uma multidão; Sl 104, 4-5.6-7.8-9; Jo 8, 51-59* — *Abraão viu o meu dia, e ficou cheio de alegria.*

Dia 2 - Sexta-f.: Jr 20, 10-13 — *O Senhor está comigo: meus perseguidores não vencerão; Sl 17, 2-3a.3bc-4.5-6.7; Jo 10, 31-42* — *Jesus escapa dos que o queriam apedrejar.*

Dia 3 - Sábado: Ez 37, 21-28 — *Deus reunirá o seu povo; Jr 31, 10.11-12ab.13; Jo 11, 45-56* — *Jesus vai morrer para unir os filhos de Deus.*

FAÇA
SUA ASSINATURA
PELO TELEFONE
À COBRAR
(011) 662128
662129

JESUS, EXEMPLO DE OBEDIÊNCIA, SERVIÇO E HUMILDADE

Domingo

D.de Ramos e de paixão do Senhor
04/04/93

1ª Leitura: Is
50, 4-7

Trata-se do 3º canto do Servo de Javé, no qual o Servo é visto como o perfeito discípulo, o profeta fiel, que não teme a adversidade e a perseguição, pois ele está do lado de Deus.



2ª Leitura: Fl 2, 6-11

Paulo quer nos mostrar a prontidão do Filho de Deus em se tornar um servidor de todos, abraçando a causa dos mais pequeninos e, conseqüentemente, morrendo na cruz por eles.

Evangelho: Mt 26, 14c-27.66

Ao assumir a causa dos pobres, Jesus tem a morte como resultado de sua práxis libertadora. É o grande momento glorioso da humanidade: uma vida doada pela sua redenção. É a morte mais verdadeira que jamais alguém morreu.

Comentário

As leituras bíblicas de hoje nos dão seus testemunhos sobre Jesus, como Filho preexistente de Deus, mas que, concomitantemente, se aniquila desde a concepção até a cruz. Mostram, pois, o itinerário de Jesus (fez-se obediente

e humilhou-se) em roteiro inverso ao de Adão (fez-se desobediente e enalteceu-se). Jesus, que hereditariamente era Deus, não se afeiçoa à sua divindade, não faz esnobismo de sua divindade em detrimento de quem quer que seja. Ele vive como homem que sente fome, sede, dor, alegria, tristeza, chora, tem seus amigos, se alimenta do que lhe der, sofre tentações, ama e quer ser amado, sente necessidade de rezar, se insere na história de um povo oprimido pela lei romana, pela mentira, pela exploração e cegueira dos donos do poder, compartilha a vida, as necessidades e vicissitudes dos mais pequeninos desse povo. Por isso, torna-se um servo e o oferece a sua divindade como serviço a todos com tudo o que isto implica; em outras palavras, Jesus propõe a crença em sua divindade através de sua forma aniquilada, é o tempo de Jesus, em que Ele toma para si a causa de um povo oprimido, conseqüentemente sofredor, e a leva a seu ápice: a morte na cruz, passando pela obediência ao Pai. Conheceu o “sucesso” — sua entrada triunfal em Jerusalém —, mas sua opção era outra. Deste modo, Jesus ultrapassa os limites de interpretação da lei e revela o novo valor do homem e o valor religioso de Deus. Neste sentido, a morte de Jesus ganha seu real significado, é o resultado de uma luta sustentada contra a escravização do homem, conseqüência lógica da práxis libertadora que Ele compreendeu. É um acontecimento único, solidário e criador de solidariedade e se multiplica a cada vez que um inocente é vítima da corrupção, da injustiça, da mentira e da exploração entre os homens. A morte de Jesus só pode ser entendida na correlação da história de seu tempo e de seu povo; é um forte convite para nos engajarmos em favor dos oprimidos e explorados e nos mostra que o verdadeiro sentido da libertação não se restringe apenas a uma libertação individual física, financeira ou política, mas é uma realização comunitária. Na cruz, onde, Jesus consagra sua caminhada.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 5 - Segunda-f.: Is 42, 1-7 — Primeiro cântico do Servo: apresentação; Sl 26-1.2.3.13-14; Jo 12, 1-11 — Seis dias antes da Páscoa, jantar em Betânia e unção dos pés de Jesus.

Dia 6 - Terça-f.: Is 49, 1-6 — Segundo cântico do Servo: a missão; Sl 70, 1-2.3-4a.5-6ab.15 e 17; Jo 13, 21-33.36-38 — Jesus anuncia a traição dos seus.

Dia 7 - Quarta-f.: Is 50, 4-9a — Terceiro cântico do Servo: sofrimento e confiança; Sl 68, 8-10.21bcd-22.31 e 33-34; Mt 26, 14-25 — Traído, o Filho do homem vai...

Dia 8 - Quinta-f.: Is 61, 1-3a.6a.8b-9 — O Espírito do Senhor repousa sobre mim; Sl 88, 21-22.25 e 27; Lc 4, 16-21 — Jesus, lendo: O Esp. do Senhor repousa sobre mim.

Dia 9 - Sexta-f.: Is 52, 13-53, 12 — Quarto cântico do Servo: paixão e glória; Sl 30, 2 e 6.12-13.15-16.17 e 25; Hb 4, 14-16; 5, 7-9; Jo 18, 1-19, 42 — Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo.

Dia 10 - Sábado: Vigília Pascal 1) Gn 1, 1-2, 2 ou abrev. 1-1.26-31a — Criação do mundo - Páscoa, nova criação; Sl 103, 1-2a.5-6.10 e 12.13-14.24 e 35c; Sl 32, 4-5.6-7.12-13.20 e 22; 2) Gn 22, 1-18 ou abrev. 1-2.9a.13.15-18 — Sacrifício de Isaac, sacrifício de Cristo; Sl 15, 5 e 8.9-10.11; 3) Ex 14, 15-15, 1 — Passagem do Mar Morto, isto é, do pecado à graça da salvação; Cântico Ex 15, 1-2.3-4.5-6.17-18; 4) Is 54, 5-14 — Com profunda afeição novamente eu te recebo; Sl 29, 2 e 4.5-6.11 e 12a e 13b; 5) Is 55, 1-11 — Todos vós que tendes sede, vinde à águas; Cântico Is 12, 2-3.4bcd.5-6; 6) Br 3, 9-15.32-4, 4 — Abandonaste a fonte da sabedoria!; Sl 18, 8.9.10.11; 7) Ez 36, 16-28 — Derramarei sobre vós águas puras e vos darei um coração novo; Sl 41, 3.5bcd; Sl 42,

3.4; Rm 6, 3-11 — *Sepultados com Cristo, pelo batismo, ressuscitaremos com Ele*; Sl 117, 1-2.16ab-17.22-23; Mt 28, 1-10 *Anúncio da Ressurreição*.

O AMOR É MAIS FORTE QUE A MORTE

Domingo da Páscoa
11/4/93

1ª leitura: At 10, 34a.37-43

O ensinamento dos Apóstolos se fundamenta no fato de que Deus-Pai ressuscitou o Filho. Também esta deve ser a base de nossa fé e esperança. Jesus vive, e Deus o constitui juiz dos vivos e dos mortos, mas é também o salvador para todo aquele que Nele crer.



2ª Leitura: Cf 3, 1-4

O que somos feitos pelo batismo, devemos sê-lo em nosso dia-a-dia. Mas o batismo transcende nossa vida no mundo: antecipa a vida sem morte, com o Cristo ressuscitado, escondida em Deus:

Evangelho: Jo 20, 1-9

A narração mostra Pedro e João desolados, junto ao sepulcro vazio. Aonde teria ido o Mestre. Somente quem tinha convivido com Ele podia aceitar a hipótese da ressurreição, pois Ele havia prometido. E Jesus mesmo é quem vai reafirmá-la diante dos discípulos e das mulheres que o acompanhavam.

Comentário

Proclamamos hoje a vitória de Jesus sobre seu maior inimigo: o pecado. O que existia era idolatria, egoísmo, exploração e empobrecimento do povo judeu. Jesus se insere neste ambiente e consegue formular de novo a profissão de fé (Deus — Pai Nosso e único) fazendo sua mensagem entrar em confronto com o mundo ao qual se dirige. Assim, Jesus rompe com tudo aquilo que é causa de empecilho para a instauração do Reino. Ao se compadecer dos pequeninos e ao denunciar (sem perder a ternura) a exploração do invasor, Ele quer mostrar que todos têm lugar em seu Reino na medida em que Deus passa a ser a opção fundamental de cada pessoa. Não basta ser pobre para ser salvo, é preciso, fundamentalmente, amar o próximo e superar o círculo vicioso do revanchismo amargo. Implantar a justiça, pois, não é destruir o autor da injustiça, mas sim libertá-lo de sua vontade destrutiva que lhe permitiu ir contra a solidariedade humana. Porque a vivência do amor passa pela denúncia, pela crítica, mas supõe, como critério interno, a ternura. Jesus não foi um homem neutro, pacifista que evita os conflitos sob o pretexto de uma caridade sentimentalista, tampouco foi um guerrilheiro, ainda que criticara a Herodes e os chefes políticos que se faziam chamar benfeitores, mas dominavam em vez de servir. Entre os homens de sua época, não ocupa um lugar no meio — digamos, em cima do muro — nem é extrema-direita, nem extrema-esquerda. Jesus a seu modo foi um extremista, porque viveu o amor que se vive até a morte na cruz. Nunca um homem amou tanto os homens e, sem dúvida, ganhou tantos inimigos porque criticou e denunciou todo o mundo. Desde os pequeninos, passando pelo diversos grupos que disputavam o poder, até os donos do poder. A todos, Jesus, ao ressurgir, mostrou que nada é mais perigoso, nem mais exigente, nem mais forte que o amor. Vista desta maneira, a ressurreição de

Jesus, que exige um engajamento na história real e concreta dos homens, mostra-nos o valor do seu testemunho pela justiça e pela verdade e nos orienta na compreensão do seu verdadeiro significado norteado pelo Espírito Santo para que nosso compromisso seja prudente e responsável.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 5 - segunda-f.: *Is 42, 1-7 — Primeiro cântico do Servo: apresentação*; Sl 26-1.2.3.13-14; Jo 12, 1-11 — *Seis dias antes da Páscoa, jantar em Betânia e unção dos pés de Jesus*.

Dia 6 - Terça-f.: *Is 49, 1-6 — Segundo cântico do Servo: a missão*; Sl 70, 1-2.3-4a.5-6ab.15 e 17; Jo 13, 21-33.36-38 — *Jesus anuncia a traição dos seus*.

Dia 7 - Quarta-f.: *Is 50, 4-9a — Terceiro cântico do Servo: sofrimento e confiança*; Sl 68, 8-10.21bcd-22.31 e 33-34; Mt 26, 14-25 — *Meu tempo está próximo*.
Dia 8 - Quinta-f.: *Is 61, 1-3a..6a.8b-9 — O Espírito do Senhor repousa sobre mim*; Sl 88, 21-22.25 e 27; Lc 4, 16-21 — *Jesus, lendo: O Esp. do Senhor repousa sobre mim*.
Dia 9 - Sexta-f.: *Is 52, 13-53, 12 — Quarto cântico do Servo: paixão e glória*; Sl 30, 2 e 6.12-13.15-16.17 e 25; Hb 4, 14-16; 5, 7-9; Jo 18, 1-19, 42 — *Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo*.

Dia 10 - Sábado: Vigília Pascal 1) Gn 1, 1-2, 2 ou abrev. 1-1.26-31a — *Criação do mundo - Páscoa, nova criação*; Sl 103, 1-2a.5-6.10 e 12.13-14.24 e 35c; Sl 32, 4-5.6-7.12-13.20 e 22; 2) Gn 22, 1-18 ou abrev. 1-2.9a.13.15-18 — *Sacrifício de Isaac, sacrifício de Cristo*; Sl 15, 5 e 8.9-10.11; 3) Ex 14, 15-15, 1 — *Passagem do Mar Morto, isto é, do pecado à graça da salvação*; Cântico Ex 15, 1-2.3-4.5-6.17-18; 4) *Is 54, 5-14 — Com profunda*

afeição novamente eu te recebo; Sl 29, 2 e 4.5-6.11 e 12a e 13b; 5) Is 55, 1-11 — Todos vós que tendes sede, vinde à águas; Cântico Is 12, 2-3.4bcd.5-6; 6) Br 3, 9-15.32-4, 4 — Abandonaste a fonte da sabedoria!; Sl 18, 8.9.10.11; 7) Ez 36, 16-28 — Derramarei sobre vós águas puras e vos darei um coração novo; Sl 41, 3.5bcd; Sl 42, 3.4; Rm 6, 3-11; Sl 117, 1-2.16ab-17.22-23; Mt 28, 1-10.

REDESCOBRIR A IGREJA DE JESUS CRISTO RESSUSCITADO

2º Domingo da Páscoa
18/4/93

Primeira Leitura: At 2, 42-47.

Evocação dos primórdios da Igreja: a vida da comunidade apostólica em Jerusalém. A comunidade consiste em ter tudo em comum. O ensino dos Apóstolo e o culto realizam-se no Templo. A alegria e magnanimidade do grupo são contagiosas; aí está o segredo do sucesso missionário.



Segunda Leitura: 1Pd 1, 3-9.

Pedro quer confortar os cristãos oriundos do paganismo, na Ásia Menor, que vivem sob a ameaça da perseguição. Ser perseguido é ser purifica-

do como ouro na fornalha. É receber o prêmio pela prática empreendida pela mudança de um contexto histórico.

Evangelho: Jo 20, 19-31.

No primeiro dia da semana, o dia da assembléia dominical, o Espírito de Deus é dado pelo ressuscitado, para renovar os homens, purificando-os do pecado, mediante a comunidade dos fiéis, portadora desta missão. A primeira comunidade teve o privilégio de ver e apalpar o ressuscitado; as gerações seguintes deverão crer por seu testemunho de fé.

Comentário:

Pedro e João querem testemunhar e mostrar a glória e a humanidade de Jesus Cristo que se manifestam conjuntamente: a humanidade indica a divindade. Falar de Jesus é, portanto, falar do presente, não há passado, não há futuro, mas eternidade. Jesus, pois, não virá uma segunda vez porque Ele já está aí presente, antecipa-se o Reino. Esta deve ser nossa esperança. Ele “está no céu” e está aqui ininterruptamente. Mas isto é duro demais para nós porque exige compromisso, conversão, optar decididamente pela justiça. Alguém pergunta, escandalizado: se o Reino já está presente, por que há tanta morte, tanta injustiça, tanta corrupção? A resposta é única e sem rodeios: simplesmente porque ainda não cremos suficientemente em Jesus Cristo RESSUSCITADO. Identificamo-nos muito com o Jesus Cristo da sexta-feira da “paixão”, morto, supostamente fracassado em sua práxis; deste, sim, damos, testemunho, fazemos até vias-sacras, choramos com a “Verônica” suas dores, mas quando deparamos com o Jesus Cristo Ressuscitado não temos coragem de proclamá-Lo porque isto vai exigir luta pela justiça, humildade, obediência, serviço, comunhão dos bens e, sobretudo, denúncia da exploração, da mentira e indiferença prati-

cadadas pelos donos do poder. E, como Pedro, negamos saber quem é este Jesus Cristo. Não O “conhecemos”. Não obstante esta constatação, sabemos que existe um bom grupo que descobriram o Jesus Cristo Ressuscitado e têm a coragem de testemunhá-Lo em meio a seu ambiente incrédulo e ausente do amor, trabalhando assim pela única verdade proibida deste mundo: o Reino de Deus. As guerras, o empobrecimento do povo e a injustiça são os resultados de uma “fé” aparentemente manifestada no Templo, mas que não se expande e se radica na vida da comunidade. A fé verdadeira no Jesus Cristo Ressuscitado nos faz solidário uns com os outros, nos torna irmãos, nos conscientiza a respeito de nossos direitos. Surge uma nova consciência de ser Igreja, para a comunhão e participação. Mas descobrimos este caminho não por nós mesmos e sim pelo Espírito Santo que viabiliza nosso agir e nos dá a esperança de que estamos no caminho certo. Oxalá esta páscoa possa nos ajudar a perceber o novo caminho da Igreja e fazer nossa comunidade virar felicidade com nossa fé.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 19 - Segunda-f.: At 4, 23-31 — *Senhor, realizai prodígios, em nome de Jesus, vosso santo servo!*; Sl 2, 1-3.4-6.7-9; Jo 3, 1-8 — *Jesus a Nicodemos: Necessário vos é nascer de novo.*

Dia 20 - Terça-f.: At 4, 32-37 — *Com coragem davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus!*; Sl 92, 1ab.1c-2.5; Jo 3, 7b-15 — *Jesus a Nicodemos: Dizemos o que sabemos*

Dia 21 - Quarta-f.: At 5, 17-26 — *Segunda prisão e libertação dos apóstolos!*; Sl 33, 2-3.4-5.6-7.8-9; Jo 3, 16-21 — *Jesus a Nicodemos:*

Deus entregou ao mundo o seu Filho único!

Dia 22 - Quinta-f.: At 5, 27-33 — Pedro e os Apóstolos: Deus resuscitou Jesus, que vós matastes; Sl 33, 2 e 9. 17-18. 19-20; Jo 3, 31-36 — Quem crê no Filho tem a vida eterna.

Dia 23 - Sexta-f.: At 5, 34-42 — Contentes de sofrer afrontas pelo nome de Jesus!; Sl 26, 1.4.13-14; Jo 6, 1-15 — Multiplicação dos pães: Este é verdadeiramente o profeta.

Dia 24 - Sábado: At 6, 1-7 — Eleição dos primeiros diáconos; Sl 32, 1-2.4-5.18-19; Jo 6, 16-21 — Jesus anda em cima da água.

Na Paz do Senhor

Em Colatina, ES — **Dirceu João Pagani** aos 24/12/91. Foi 32 anos assinante da Revista Ave Maria.

Em São João del Rei, MG — **Aurora Dias** (D. Loló) aos 31/8/92 com 96 anos.

Em São Carlos, SP — **Antônio**

Alfredo Nonato aos 13/3/92 e Mércio aos 20/12/91.

Em São Carlos, SP — **Aristodemo Pellegrini Achille** aos 18/10/92.

Graça Recebida

Em Santa Rita de Passa Quatro, MG — **Violeta A. Scianni**, graça alcançada por intermédio do E.S.



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoholismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcoholismo. e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)



Ser Missionário

é viver a alegria da doação total.

Jovem,

você que está em busca de um mundo melhor, mais justo, onde todos se sintam bem, venha partilhar a aventura de ser Missionário Claretiano.

As opções são muitas:

- Missão
- Serviço Paroquial
- Educação
- Meios de Comunicação Social

Solicite informações:

Cx. P. 6226 CEP 01064-970 — São Paulo, SP; Cx P. 136 CEP 13500-970 — Rio Claro, SP; Cx. P. 4 CEP 14300-000 — Batatais, SP.

45º CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL

Sevilha, 7 a 13 de junho de 1993

com a presença de S. Santidade, o Papa João Paulo II

Partidas do Brasil: 4, 5 e 6 de junho.

Preços especiais para grupos. Roteiros opcionais.

Descontos especiais para inscrições antecipadas. Consulte-nos!

São Paulo

(011) 288-5244

Belém

(091) 212-1116

Curitiba

(041) 232-4345

Recife

(081) 231-0457

Belo Horizonte

((031) 223-3811

Manaus

(092) 232-9974

Rio de Janeiro

(021) 221-3735

Brasília

(061) 226-8980

Porto Alegre

(051) 227-3311

Salvador

(071) 336-3592



Crônicas

Os livros das Crônicas, escritos depois do exílio dos Hebreus na Babilônia, tentam demonstrar que a unidade religiosa mantém viva as raízes, a coesão e as esperanças de um povo. Em II Cron. o cronista destaca: a oração de Salomão pedindo sabedoria, a construção e dedicação do templo, e, entre os reis que se sucedem, Ezequias e Josias, por promover reformas religiosas e a celebração da Páscoa. Encontre as palavras pedidas no versículo apontado de II Cron. e coloque as palavras no diagrama ao lado.

Obs.: As palavras e o texto foram extraídos da Bíblia da Ave-Maria.

Palavras: (L = letras)

- 13 L: ----- - (36, 18) rei da Babilônia que derrotou e deportou os hebreus.
- 12 L: ----- - (8, 13) uma das três festas anuais. Festa das tendas da colheita.
- 11 L: ----- - (28, 23) Oblações feitas às divindades.
- 10 L: ----- - (23, 18) sacrifício expiatório.
 ----- - (13,12) encarregados das funções religiosas.
- 9 L: ----- - (36, 20) cidade do exílio dos hebreus.
 ----- - (12, 12) qualidade moral: modéstia, submissão
 ----- - (19, 4) a cidade do templo e do rei.
 ----- - (8, 13) festas da lua nova.
 ----- - (31, 10) oblatas; dádivas.
 ----- - (1, 10) o dom pedido por Salomão a Deus.
 ----- - (36, 17) lugar no templo aonde estava a arca.
- 8 L: ----- - (30, 6) mensageiros
 ----- - (36, 20) cativos, servos
 ----- - (29, 1) rei sucessor da Acaz
- 7 L: ----- - (6, 14) pacto de amor e fidelidade entre Deus e o povo.
 ----- - (6, 13) Salomão apoia-se neles em sinal de humildade.
 ----- - (11, 13) da tribo de Levi, assistiam os sacerdotes no templo.
 ----- - (9, 30) o rei da sabedoria e da riqueza
 ----- - (8, 13) 1 das 3 festas anuais. Pentecostes: 7 semanas do início da colheita do trigo.
- 6 L: ----- - (8, 13) uma das três festas anuais dos pães sem fermento.
 ----- - (31, 6) décima parte recolhida como taxa.
 ----- - (7, 3) esplendor; beatitude.
 ----- - (35, 1) rei filho do Amon.
 ----- - (35, 18) festa da celebração do Êxodo.
 ----- - (36, 23) país onde os hebreus foram exilados.
 ----- - (5, 10) pedras com os 10 mandamentos.
 ----- - (3, 1) casa de Deus; centro oficial do culto judaico.
- 5 L ----- - (29, 35) reverência ou homenagem a Deus.
 ----- - (34, 14) rolo de papiro de aprox. 11 m por 3 m, escrito.
 ----- - (34, 31) ajuste, contrato; convênio.
- 4 L ----- - (35, 3) caixa portátil para guardar as tábuas da lei.
 ----- - (36, 22) rei escolhido por Deus para repatriar o povo judeu.
 ----- - (2, 3) pai de Salomão.
 ----- - (6, 4) o Senhor.
- 3 L ----- - (6, 18) espaço ilimitado aonde giram os astros.
 ----- - (34, 14) conjunto de todos os mandamentos de Deus no A.T.

A boneca

Esther Peixoto Mello Gonçalves

Sueli na porta do barraco.
Sentada na cadeira de rodas.
Dona Fifi é muito boa. Arranjou a cadeira de rodas para Sueli.

A mãe de Sueli trabalha na casa de Dona Fifi.
O sol está esquentando.
Ninguém para tirar a cadeira do sol.
Sueli está com calor, com sede.

- Minina! ...ô ... minina! ...
- Hhum ...?
- Qué impurra a cadeira prá mim?
- É pesada?
- Eu ajudo cum a mão.
- An ... chi ... an ... ponho onde?
- Na sombra do muro.
- Pronto
- Sueli apertava no braço magro, uma boneca ordinária.
- Puxa, uma boneca, deixa vê.
- Tó!
- Tem olhinhos azuis ... boquinha vermelha!
- Fica cum ela prô cê.

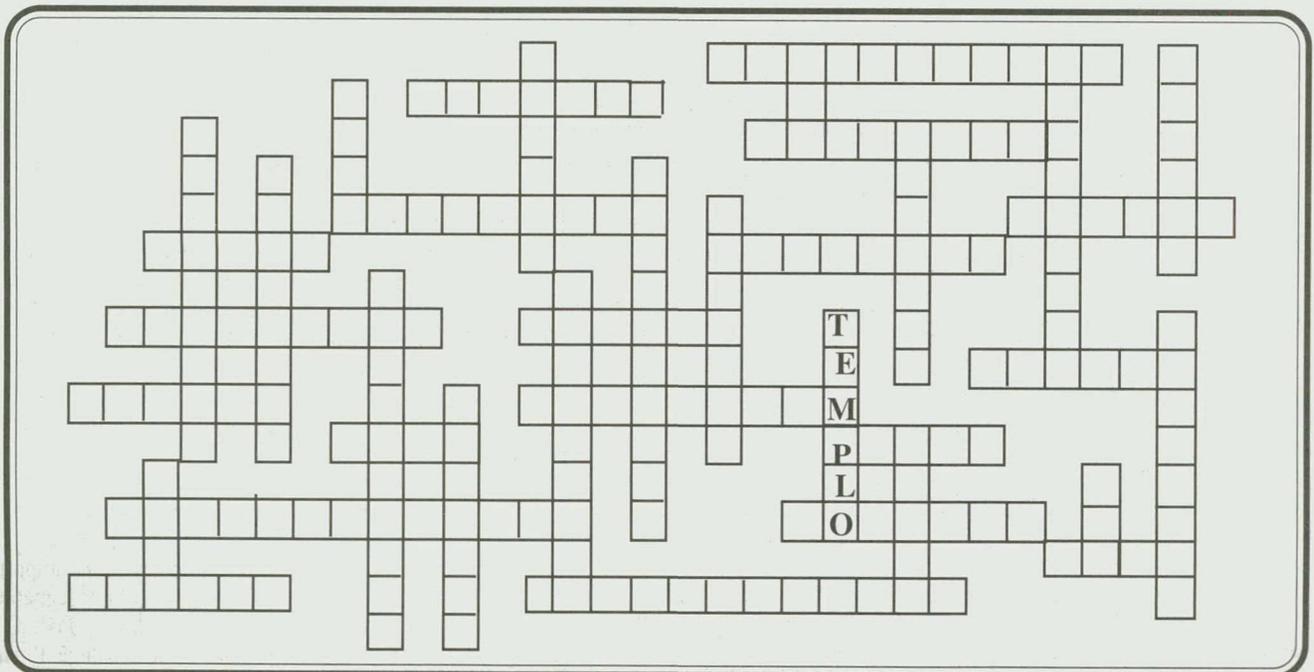


- Pode?
 - Leva.
- Lá foi a menina levando a boneca de Sueli.
A mãe nervosa.
- Que dê a sua boneca, Sueli?
 - Dei.
 - Prá quem? Você não tem nada, foi dar a boneca.
 - Dei ... A minina nem tinha sapato!

Esther Peixoto Mello Gonçalves é professora primária especializada em recuperação de dislexia - dificuldade de leitura ; Assistente Social (PUC) e escritora premiada com obras infantis e poesias.

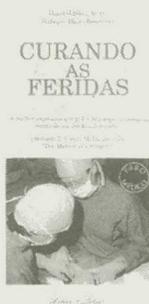
DIAGRAMA: CRÔNICAS

Elaborado por Norma Termignoni





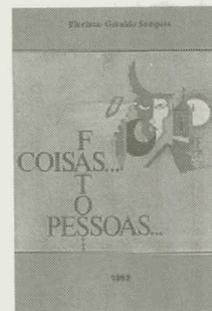
PÃO E POESIA - A imaginação religiosa e a luta pelo pão no cotidiano do morro do urubu - Patrick Joseph Clarke, AM Edições - 152 pgs. Popularmente se diria que povo nenhum sobrevive sem comida e futebol. Através de quatro Paradas o autor vai levando o leitor a descobrir a importância da poesia ou utopia na vida atribulada dos que buscam o pão de cada dia, pão que é a materialidade que torna possível o eclodir da poesia. Pão é sustento, é moradia, é terra, é trabalho, é escola, é saúde, é tudo o que pode melhorar a vida e resgatar da sargeta os pobres. Poesia é a alavanca que põe este povo em marcha, é esperança de uma transformação para melhor, é utopia, é fé, é a descoberta de Deus presente e vivendo no meio dos pobres, dando o seu rosto a cada um e assumindo o rosto de todos. Nas quatro Paradas todos os depoimentos são marcados pela fé em Deus. A busca do pão nosso de cada dia exige a poesia da luta, da solidariedade, da organização, para a transformação de um mundo velho de dor e sofrimento em um mundo novo que dê condições a todos de sorrir e cantar.



CURANDO AS FERIDAS - David Hilfiker, M.D. - Editora Letras & Letras Ltda, 252 pgs. Tradução de Haino Burmester, é um relato de comovente lucidez que, por meio da saga do dia-a-dia de um médico americano, consegue propor uma reflexão profunda sobre os problemas éticos e humanos que a medicina suscita modernamente. Aborda questões como o que é ser médico, e principalmente ser médico em uma sociedade tão imediatista e caótica como a nossa. Junto com o "stress", pressões econômicas e a negligência das instituições hospitalares, o objetivo da cura acaba se diluindo. Como lidar com o erro médico? Como contar a verdade ao paciente portador de doença grave ou incurável? Como o médico de família, essa espécie em extinção, lida com as acusações de indiferença, autoritarismo por parte dos pacientes? A trajetória do Dr. Hilfiker instiga discussões pertinentes a todos nós. "História comovente e muito honesta das extraordinárias pressões que moldam a forma como a medicina é praticada." "Suas constatações são íntimas, lúcidas e moderadas."



AS LEVES ASAS DO RINOCERONTE - Marco Túlio Costa - Edições FTD - 141 pgs. O homem tem um caminho a seguir, um objetivo a ser alcançado: a busca da verdade. O autor, de maneira muito criativa, conta a história de Salomão, um aposentado igual a muitos. Até o dia que entrou numa lojinha e comprou a verdade. Em seus passeios pela praça conheceu Dr. Abel, o dono dos bancos da praça, e Edna, por quem se apaixonou. Salomão encontrou seus amigos revolucionários. Num rápido movimento, foi eleito presidente da Egocracia iniciando seu governo. Um golpe interrompeu seu mandato e condenou à força. Sua execução foi interrompida e, ali, Salomão ficou sabendo que estava num hospício. Desnorteado, Salomão sai do hospital. Levou um encontro e viu sua verdade transformar-se em cacos. No quarteirão adiante, Salomão se deparou com aquela mesma lojinha. Entrou, foi atendido e saiu de lá com um novo tesouro: a resposta. Afinal, os comportamentos e reações de quem se imagina dono da verdade são curiosos. Descubra-os em As asas do rinoceronte.



COISAS... FATOS... PESSOAS... - Reminiscências. Floriano Geraldo Sampaio, Serviços Gráficos Senhora das Graças Ltda - 196 pgs. Narrações as mais variadas, cheias de vida e interesse, no desenrolar cotidiano de nossa passagem por este mundo. Dir-se-ia que o escritor se postou na esquina da existência, de sua rica e abençoada vida cristã, olhos fitos nos acontecimentos, tendo nas mãos uma caneta esperta e um caderno em branco, para tudo registrar com a maior presteza e a mais delicada argúcia. Floriano mesmo quem diz: - "Até hoje, (contando mais de 80 anos de idade) eu me sinto jovem, brincalhão, alegre, otimista, apesar da expressão carrancuda..."



STEVE BIKO, MÁRTIR DA ESPERANÇA - Aelred Stubbs, CR - Edições Paulinas - 120 pgs. Este volume, traz um relato desse mártir do apartheid: sua personalidade, seu ideal, sua fé, delineado por seu grande amigo e seu pastor, o Rev. Aelred Stubbs. Para quem ainda não teve a oportunidade de conhecê-lo, o texto é uma introdução ao pensamento de um dos fundadores da "consciência negra" na África do Sul. Este livro é uma profunda reflexão teológica sobre Steve Biko e o contexto em que viveu. Trata-se de uma obra importante não só para o conhecimento da realidade da África do Sul, mas também da realidade do Brasil.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

PÃO E POESIA.....	83.000,00
CURANDO AS FERIDAS.....	198.000,00
AS LEVES ASAS DO RINOCERONTE.....	50.000,00
COISAS... FATOS... PESSOAS... ..	55.000,00
STEVE BIKO	57.890,00

LIVRARIA AVE MARIA
Cx Postal 6226
01296 - 970 — SÃO PAULO
Tels: 66-0582 e 825-0700

Atenção: Preço de capa no fechamento desta edição. Sujeito a alteração por parte das Editoras. **Atendemos por Reembolso postal.**

Nome: _____

Endereço: _____

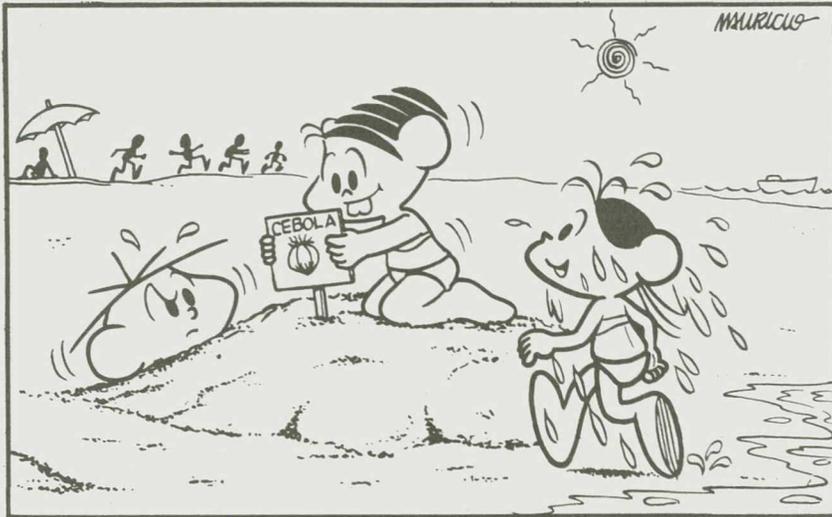
Cidade: _____ N° _____ Estado: _____

CEP: _____

Assinatura _____

DIVERTIMENTOS

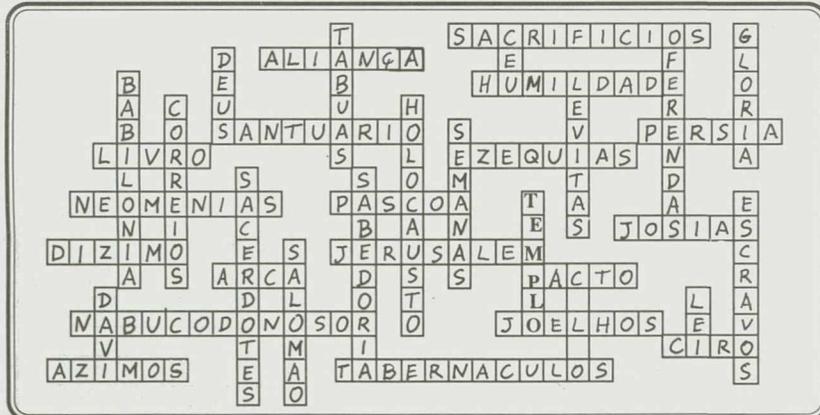
JOGO DOS SETE ERROS



A MÔNICA RESOLVEU COBRIR O CEBOLINHA COM AREIA E PARA DEIXAR A BRINCADEIRA MAIS REAL, COLOCOU UMA PLAQUINHA BEM EM CIMA! ANTES DO CEBOLINHA BRONQUEAR, VAMOS TENTAR ENCONTRAR OS SETE ERROS?

RESPOSTA: BARCO - BÍQUINI DA MAÇALI - ÁGUA - BOCA DA MAÇALI - PLAQUINHA - SOL - UM BANHISTA A MAIS AO FUNDO.

Resposta: Relendo a Bíblia — Crônicas



CRUZADINHAS

1	2	3	4	5
2				
3				
4				
5				

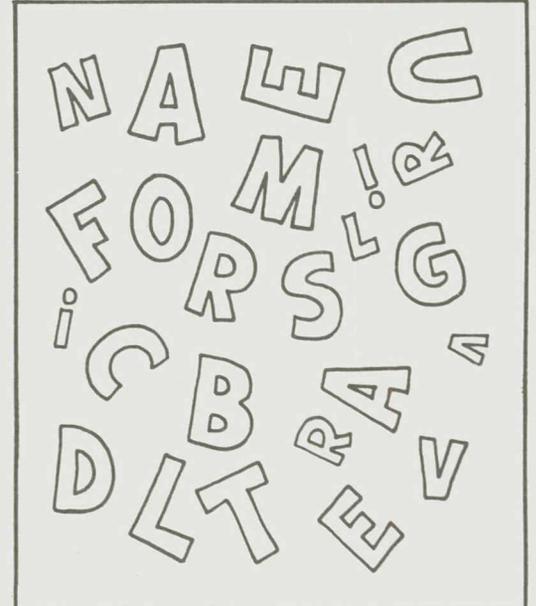
- HORIZONTAIS**
- 1- FICAM QUIETOS.
 - 2- LEVANTA.
 - 3- LIMPAR COM ÁGUA.
 - 4- COLA; UNE.
 - 5- FOLHAGENS.

- VERTICAIS**
- 1- COLOCAR SELA.
 - 2- ENFILEIRADA.
 - 3- CARREGUEM.
 - 4- AVARENTO.
 - 5- OCEANOS.

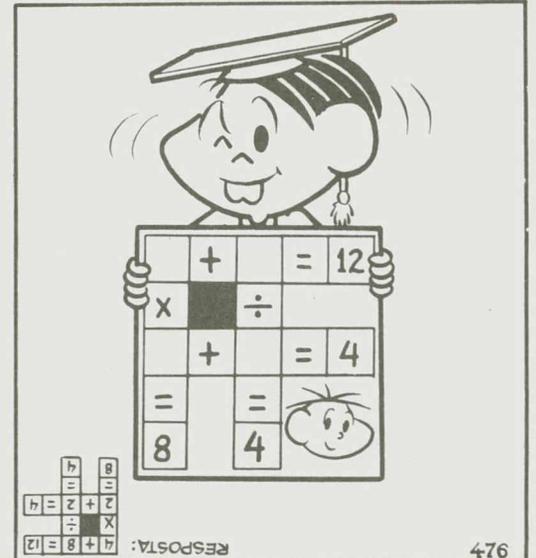
SOLUÇÃO: HOR..CALAM, ETEVA, LAVAR, ADERE, RAMOS, VERT..CELAR, ALADA, LEVEM, AVARO, MARES.



QUAL A LETRA QUE SE REPETE 3 VEZES?



COLOQUE OS NÚMEROS 2, 2, 4 E 8 EM SEUS RESPECTIVOS LUGARES.



h	8
h	z
h	z
h	z
h	z

RESPOSTA:



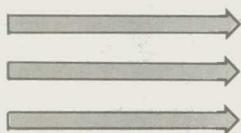
A BÍBLIA EM QUADRINHOS!

— Totalmente colorida —
52 páginas cada fascículo



(Um grande sucesso na Bienal do Livro/92 de São Paulo)

PROMOÇÃO ESPECIAL - APROVEITE ESSA OPORTUNIDADE!



- 5 assinantes novos 1 fascículo
- 9 assinantes novos 2 fascículos
- 12 assinantes novos 3 fascículos



COMO FAZER?

Preencha com clareza os cupons:

Estou enviando nomes dos novos assinantes e o valor das novas assinaturas da Revista Ave Maria e como tal fazendo jus a receber gratuitamente fascículos da Bíblia em Quadrinhos.

CUPONS DOS NOVOS ASSINANTES

1 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____	7 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
2 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____	8 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
3 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____	9 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
4 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____	10 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
5 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____	11 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
6 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____	12 Nome: _____ Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

COMO ENVIAR OS CUPONS?

Escolha uma das modalidades, assinale com um X, preencha com clareza todos os dados do cupom e remeta para:

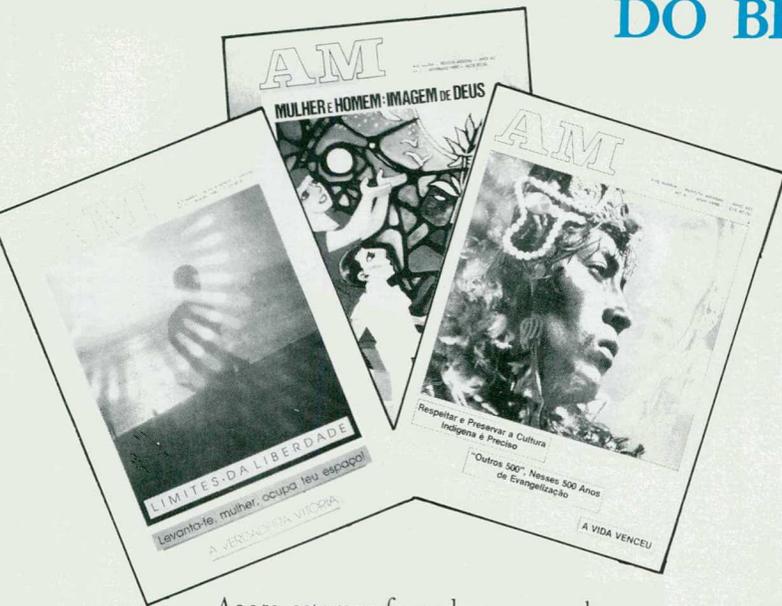
REVISTA AVE MARIA
Rua Martim Francisco, 656
CEP 01226-000 São Paulo, SP.

- 1 - Estou enviando anexo o *cheque cruzado* n.º do Banco no valor de Cr\$ em nome da Revista AVE MARIA.
- 2 - Estou remetendo por *vale postal* n.º para a agência Santa Cecília - São Paulo - Código 403911 - quantia de Cr\$ em nome da Revista AVE MARIA.
- 3 - Estou passando uma *ordem de pagamento* do Banco no valor de Cr\$ em nome da Revista AVE MARIA.

Meu nome _____
 Endereço _____
 CEP _____ Cidade _____ Estado _____
 Assinatura _____

Obs.: O valor de cada assinatura nova (para 12 meses) é de Cr\$ 130.000,00 (preço em Março de 1993).

A MAIS ANTIGA REVISTA CATÓLICA MARIANA DO BRASIL

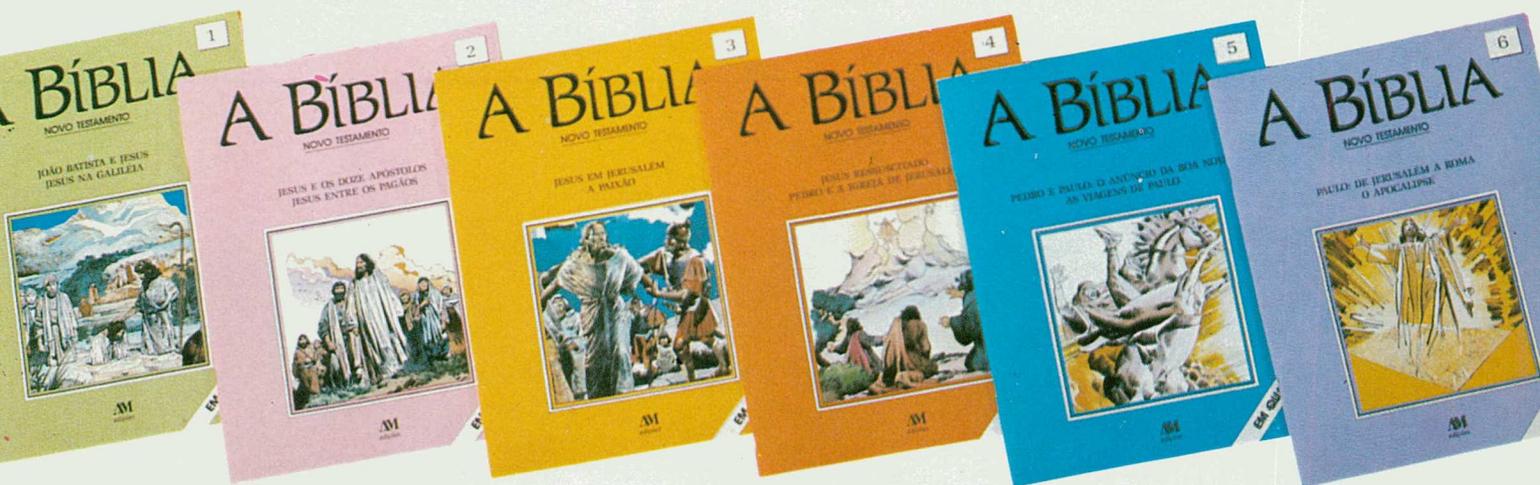


AVE MARIA!...



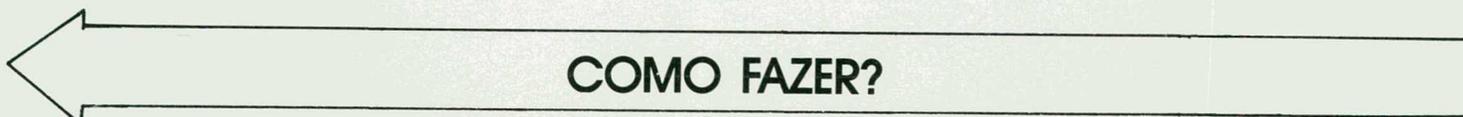
Agora estamos fazendo uma excelente campanha de promoção, dando como brinde fascículos da mais bela Bíblia em quadrinhos do Brasil, totalmente colorida com 52 páginas cada fascículo.

Há quase um século a revista AVE MARIA continua prestando, junto às famílias cristãs de todo o Brasil, inúmeros serviços de grande utilidade, sem esquecer a cultura, o lazer e, principalmente, a orientação religiosa.



VEJA E APROVEITE ESSA ÓTIMA OPORTUNIDADE!

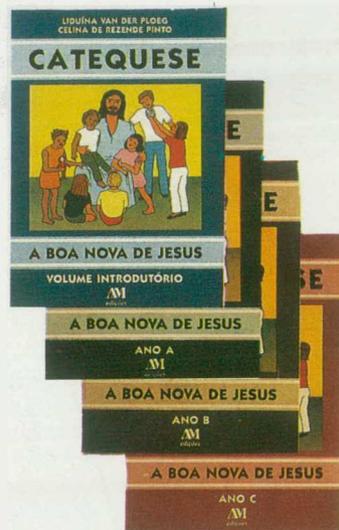
- 
 Se você conseguir 5 assinantes novos da Revista Ave Maria, você ganhará 1 fascículo da Bíblia em quadrinhos
- 
 Se você conseguir 9 assinantes novos da Revista Ave Maria, você ganhará 2 fascículos da Bíblia em quadrinhos
- 
 Se você conseguir 12 assinantes novos da Revista Ave Maria, você ganhará 3 fascículos da Bíblia em quadrinhos

 **COMO FAZER?**

CATEQUESE — CAMINHO PARA A CONSCIÊNCIA DA FÉ CRISTÃ E INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA

Catequese — A Boa Nova de Jesus

Texto: Liduína van der Ploeg e Celina de Rezende Pinto
Esta coleção composta de quatro volumes — um introdutório e três que seguem os anos litúrgicos A, B e C —, é resultado de um trabalho sério e profundo. Seu maior mérito consiste na precisão das informações, bem como na facilidade de manuseio. O catequisando é levado a entender a Boa Nova anunciada por Jesus, de forma simples e agradável, introduzindo-se, ao mesmo tempo, na vida eucarística.
464 páginas (4 volumes)



Conjunto catequético

Texto: Pe. Alfeu Píso

Conjunto didático de quatro volumes, contendo uma abordagem bem atualizada e crítica do estudo da catequese.

Volume introdutório — conceito de catequese; orientação para um encontro catequético; atividades para avaliar a vivência da criança.

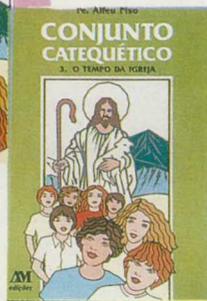
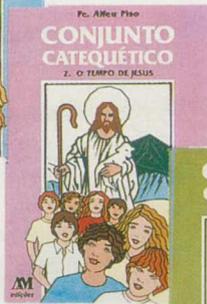
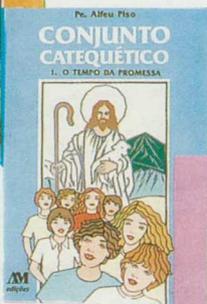
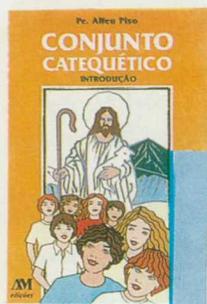
Volume 1: O tempo da promessa — um estudo sobre o caminho do povo de Israel, enquanto povo de Deus; atividades.

Volume 2: O tempo de Jesus — um estudo sobre o caminho de Jesus através de sua doutrina; atividades.

Volume 3: O tempo da Igreja, a consumação da atuação de Cristo pelos sacramentos.

Conjunto catequético: um convite às crianças para seguirem o caminho de Jesus.

366 páginas (4 volumes)



Pedidos: AM Edições
Rua Martim Francisco, 656
CEP 01226-000 — São Paulo, SP
Tel.: (011) 826-6111 e 825-8033
FAX (00/55/11) 825-4674

AM

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 — TELS.: 66-2128 E 66-2129
CX. POSTAL 6226 - CEP 01064-970 — SÃO PAULO - SP

PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/81

IMPRESSO